

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

Edson Barbosa Benevides

**Esaú e Jacó: Intertexto bíblico em
Machado de Assis**

São Paulo

2008

Edson Barbosa Benevides

**Esaú e Jacó: Intertexto bíblico em
Machado de Assis**

Orientador: Prof. Dr. Carlos Ribeiro Caldas Filho

Texto de Exame de Qualificação apresentado
à Universidade Presbiteriana Mackenzie,
como requisito parcial para a obtenção do
título de Mestre em Ciências da Religião.

São Paulo

2008

Edson Barbosa Benevides

**Esaú e Jacó: Intertexto bíblico em
Machado de Assis**

Texto de Exame de Qualificação apresentado
à Universidade Presbiteriana Mackenzie,
como requisito parcial para a obtenção do
título de Mestre em Ciências da Religião.

Aprovado em ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Carlos Ribeiro Caldas Filho
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. Ricardo Quadros Gouvêa
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. Antonio Manzatto
Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção

À minha esposa e companheira Priscila e aos meus filhos, Lucas, Renan e Júlia Benevides, pelo amor e dedicação.

AGRADECIMENTOS

A Deus meu criador e salvador que me sustenta em suas mãos dando-me as condições necessárias para a conclusão desse trabalho.

Ao Dr. Carlos Caldas pela orientação e estímulo que muito me ajudou na pesquisa.

Aos professores, Dr. Ricardo Quadro Gouvêa e Dr. Antonio Manzatto, a mais profunda gratidão por se dignarem em participar de minha banca examinadora e pelas preciosas sugestões apresentadas no momento do exame de qualificação.

Ao Instituto Presbiteriano Mackenzie, em especial ao Curso de Mestrado em Ciências da Religião.

Ao MACKPESQUISA, pelo incentivo a prática de investigação acadêmica, meus agradecimentos pelo apoio financeiro que possibilitou a conclusão deste projeto.

RESUMO

A presente pesquisa pretende abordar dos textos bíblicos na obra literária *Esaú e Jacó*, do escritor Joaquim Maria Machado de Assis. Embora o presente romance não seja uma obra de cunho religioso é possível perceber a recorrência bíblica ao longo do enredo. Os textos bíblicos utilizados são recriados, fortalecendo ou modificando o sentido original.

Palavras-chave: Machado de Assis. Literatura. Intertextualidade. Dialogismo. Cristianismo. Bíblia.

ABSTRACT

The present research pretends go aboard from the texts biblical on literary work *Esaú & Jacó*, of the author Joaquim Maria Machado de Assis. While the present romance no he may be only one work of dies religious it is possible sense the recorrência biblical through the year story. The texts biblical used are recreated , strengthen or modifying the sense original.

Keywords: Machado de Assis. Literature. Dialogism. Parody. Christianity. Bible

SUMÁRIO

Introdução	09
Justificativa	10
Problematização	11
Hipótese	11
Metodologia	12
Objetivo	13
Capítulo I – A obra <i>Esaú e Jacó</i>	14
Capítulo II – Teologia e Literatura: Uma aproximação	40
Capítulo III – Análise Comparativa	66
Considerações Finais	81
Referências Bibliográficas	82

Introdução

Percebe-se que há um crescente interesse na questão da religião na literatura nos dias de hoje. Por isso pretende-se analisar como um escritor da envergadura de Machado de Assis utilizou os textos bíblicos para compor o seu romance *Esaú e Jacó*.

Estudos de Literatura Comparada têm trabalhado no sentido de por em evidência as várias influências literárias que Machado de Assis recebeu durante sua vida como escritor.

Com esse pressuposto em mente pretende-se comparar o dialogismo bíblico na obra *Esaú e Jacó*, onde até mesmo o título remete o leitor ao universo bíblico.

Ressalta-se que não se pretende analisar o romance como um texto religioso, ou que ele venha a servir como revelação de Deus. Antes disto, pretende-se analisar o romance como uma obra literária, reconhecidamente um clássico da literatura brasileira.

O objetivo central é demonstrar como a literatura pode contribuir para a teologia, visto que a literatura é uma reflexão sobre a existência humana e tudo que se refere ao homem é de interesse também da teologia.

Justificativa

Justifica-se a presente pesquisa pelas seguintes razões:

Primeiro, há um crescente interesse pela academia no que tange à relação entre Literatura e Religião.

Segundo, porque na obra Esaú e Jacó há um constante diálogo entre religião e a literatura.

Terceiro, a religiosidade pode ser expressa de várias formas. Isso significa que a religião extrapola o seu ambiente natural e invade outras áreas, principalmente representado no mundo das artes.

Sendo assim esse trabalho buscará encontrar no texto machadiano as passagens em que o autor deixa claro o intertexto bíblico.

Problematização

Sabe-se que temas bíblicos são constantemente utilizados largamente em várias áreas do conhecimento humano, principalmente nas artes, como por exemplo; em filmes, pinturas, danças, músicas, diversos gêneros literários.

Como afirma Marques Filho¹, citando Massaud Moisés: “A Bíblia era um dos livros de cabeceira de Machado de Assis”. Assim sendo, levantam-se as seguintes questões:

- 1) Que interesse havia em Machado de Assis ao inserir textos bíblicos na obra *Esaú e Jacó*?
- 2) Como os textos bíblicos são reescritos?
- 3) A religião seria um tema central ou periférico?

Hipótese

Crê-se que a maior preocupação em Machado, não é discutir ou analisar o texto bíblico, mas sim desvendar a natureza humana, e para tal intento ele se utiliza de várias ferramentas, não só do campo religioso como também social, político, econômico e outros, pois, ao considerar o título: *Esaú e Jacó* muitos são levados a pensar que o autor trata de assuntos ligados a religião. No entanto, percebe-se que na trama, apesar de conter várias referências bíblicas, o autor não tem preocupação central em defender as verdades bíblicas, mas sim utilizá-las para enriquecer sua peça artística.

¹ <http://www.portrasdasletras.com.br/pdtl2/sub.php?op=resumos/docs/esauejaco>. 04/05/2007.

Metodologia

Utiliza-se como ferramenta a interdisciplinaridade, apoiando-se nos seguintes teóricos:

1) Análise Literária: Antonio Cândido, Massaud Moisés, John Gledson, Alfredo Bossi, Roberto Schwarz, e Silvio Romero

2) Análise do Discurso: José Luiz Fiorin, Michel Foucault, Dominique Maingueneau, Eni Orlandi, Michel Pêcheux e Mikhail Bakhtin.

3) Religião e Literatura: Vinícius Mariano de Carvalho, Carlos Ribeiro Caldas Filho, Antonio Manzatto e Antônio Magalhães.

Objetivo

A presente pesquisa concentra-se na tarefa de reconhecer os textos bíblicos utilizados por Machado de Assis em *Esaú e Jacó* e verificar o “como” e o “porquê” Machado de Assis utilizou recorrentes textos bíblicos em seu romance *Esaú e Jacó*.

Capítulo I – A obra *Esaú e Jacó*

Alguns críticos salientam que Machado de Assis ao publicar *Esaú e Jacó* estaria em declínio como escritor, dado a simplicidade como ele desenvolve a obra. Entretanto, ao ser analisado com cuidado, nota-se que o romance é cercado de complexidade tornando-o ainda mais relevante.

Ao escrever *Esaú e Jacó*, Machado elabora de maneira inovadora sua obra realista. Sobre este estilo de Machado, Antonio Cândido expressou:

Não é nos apaixonados naturalistas do seu tempo, teóricos da objetividade, que encontramos o distanciamento estético que reforça a vibração da realidade, mas sim na sua técnica de espectador. (Cândido 2004, p. 22)

Gledson ressalta que, no contexto central da passagem da Monarquia para a República, é inevitável a tendência do estudo da alegoria no romance *Esaú e Jacó*.

Um romance que começa em 1871 (o ano da Lei do Ventre Livre), com uma mãe recente que se chama Natividade e sobe o Morro do Castelo (onde o Rio foi fundado, em 1557, por Estácio de Sá, e onde os jesuítas, liderados por Frei Manuel da Nóbrega, mantiveram seu colégio), a fim de consultar uma cabocla chamada Bárbara, sobre o destino de seus filhos, não pode ser considerado esquivo em seu convite ao leitor para se empenhar num jogo de interpretação histórica, em nível alegórico. (Gledson, 1986, p. 1940)

Nesse capítulo serão levantados alguns pontos da Análise Literária que permitirão dar uma compreensão melhor do romance em questão.

O título da obra é extraído da narrativa bíblica do Velho Testamento:

Isaque orou ao SENHOR por sua mulher, porque ela era estéril; e o SENHOR lhe ouviu as orações, e Rebeca, sua mulher, concebeu. Os filhos lutavam no ventre dela; então, disse: Se é assim, por que vivo eu? E consultou ao SENHOR. Respondeu-lhe o SENHOR: Duas nações há no teu ventre, dois povos, nascidos de ti, se dividirão: um povo será mais forte que o outro, e o mais velho servirá ao mais moço. Cumpridos os dias para que desse à luz, eis que se achavam gêmeos no seu ventre. Saiu o primeiro, ruivo, todo revestido de pêlo; por isso, lhe chamaram Esaú. Depois, nasceu o irmão; segurava com a mão o calcanhar de Esaú; por isso, lhe chamaram Jacó. Era Isaque de sessenta anos, quando Rebeca lhe deu à luz. Cresceram os meninos. Esaú saiu perito caçador, homem do campo; Jacó, porém, homem pacato, habitava em tendas. Isaque amava a Esaú, porque se saboreava de sua caça; Rebeca, porém, amava a Jacó. (Gn 25.21-28).

Machado de Assis não escolhe por acaso o título de sua obra *Esaú e Jacó*. A história bíblica trata originalmente da narrativa do nascimento dos gêmeos que viveram no período dos patriarcas veterotestamentários, filhos de Isaque e Rebeca.

A ponte de contato entre a obra de Machado de Assis e a narrativa bíblica está na semelhança dos fatos.

Isaque, vendo que sua mulher era estéril pediu ao seu Deus que lhe desse filhos, nascendo assim os gêmeos Esaú e Jacó. A narrativa bíblica e a obra *Esaú e Jacó* não são idênticos, mas carregam fortes marcas de semelhança. A inserção comparativa bíblica fica mais acentuada, quando Machado de Assis insere em seu texto mais dois outros personagens bíblicos; Pedro e Paulo, apóstolo que viveram no período do Novo Testamento. A narrativa de Machado se concentra então na discussão que tiveram no exercício de seus apostolados: “Quando, porém, Cefas veio a Antioquia, resisti-lhe face a face, porque se tornara repreensível”. (Gl 2.11). A narrativa em primeira pessoa é do apóstolo Paulo, que escreve aos crentes que viviam na Galácia, o incidente ocorrido entre eles, alertando-os para que não incorram no

mesmo erro de Pedro. Machado continua sua narrativa dando mais colorido à sua obra fazendo alusão aos números do capítulo e do versículo em foco:

-Creio que os próprios espíritos de S. Pedro e S. Paulo houvessem escolhido aquela senhora para inspirar os nomes que estão no Credo; advirta que ela reza muitas vezes o Credo, mas foi naquela ocasião que se lembrou deles. -Exato, exato! O doutor foi à estante e tirou uma Bíblia, encadernada em couro, com grandes fechos de metal. Abriu a Epistola de S. Paulo aos Gálatas, e leu a passagem do capítulo II, versículo 11, em que o apóstolo conta que, indo a Antioquia, onde estava S. Pedro, "resistiu-lhe na cara". Santos leu e teve uma idéia. As idéias querem-se festejadas, quando são belas, e examinadas, quando novas; a dele era a um tempo nova e bela. Deslumbrado, ergueu a mão e deu uma palmada na folha, bradando: -Sem contar que este número onze do versículo, composto de dous algarismos iguais, 1 e 1, é um número gêmeo, não lhe parece? -Justamente. E mais: o capítulo é o segundo, isto é, dous, que é o próprio número dos irmãos gêmeos. Mistério engendra mistério. Havia mais de um elo íntimo, substancial, escondido, que ligava tudo. Briga, Pedro e Paulo, irmãos gêmeos, números gêmeos, tudo eram águas de mistério que eles agora rasgavam, nadando e bracejando com força. Santos foi mais ao fundo; não seriam os dois meninos os próprios espíritos de S. Pedro e de S. Paulo, que renasciam agora, e ele, pai dos dois apóstolos?... A fé transfigura; Santos tinha um ar quase divino, trepou em si mesmo, e os olhos, ordinariamente sem expressão, pareciam entornar a chama da vida. Pai de apóstolos! E que apóstolos! Plácido esteve quase, quase a crer também, achava-se dentro de um mar torvo, soturno, onde as vozes do infinito se perdiam, mas logo lhe acudia que és espíritos de S. Pedro e S. Paulo tinham chegado à perfeição; não tornariam cá. Não importa; seriam outros, grandes e nobres. Os seus destinos podiam ser brilhantes; tinha razão a cabocla, sem saber o que dizia. - Deixe às senhoras as suas crenças da meninice, concluiu; se elas têm fé na tal mulher do Castelo, e acham que é um veículo de verdade, não as desminta por hora. Diga-lhes que eu estou de acordo com o seu oráculo. (COUTINHO, 1997 p. 1066)

Percebe-se que algumas partes da obra de Machado de Assis seguem em paralelo à narrativa bíblica. Não só os assuntos se entrelaçam como também a crença religiosa de vários personagens do romance são remetidos à Bíblia.

Há na obra *Esaú e Jacó* um sincretismo religioso², onde personagens cristãos católicos fazem uma consulta a uma adivinha, mesmo que debaixo de constrangimento e vergonha. Em outro momento os mesmos personagens voltam para a religião de origem a fim de entender as palavras vagas de Bárbara, a adivinha.

Apesar da utilização da Bíblia e outras obras de autor consagradas para compor suas obras, Machado cria sua própria história. Sobre o uso de outras literaturas em Machado, Coutinho (1997, P.32) afirmou:

Quando Machado de Assis afirmou que “pode ir buscar a especiaria alheia, mas não de ser para temperá-la com o molho de sua fábrica”, estava gravando num aforismo todo a sua teoria da originalidade em literatura (...) sentencia ele no mesmo sentido “ O discípulo é outra coisa: embebe-se na lição do mestre, assimila ao seu espírito o espírito do modelo”. Ainda noutra ocasião afirmara: “Tiro de cada coisa uma parte e faço o meu ideal de arte, que abraço e defendo”. Em outro lugar, declara: “Que a evolução natural das coisas modifique as feições, a parte externa, ninguém jamais o negará; mas há alguma coisa que liga, através dos séculos, Home e Lord Byron, alguma coisa inalterável, universal e comum, que fala a todos os homens e a todos os tempos. (Coutinho 1997, p. 32)

Percebe-se então que a intertextualidade em Machado não é simplesmente uma mera repetição de coisas já ditas e conhecidas. Ele remodela as idéias e transforma e algo totalmente seu.

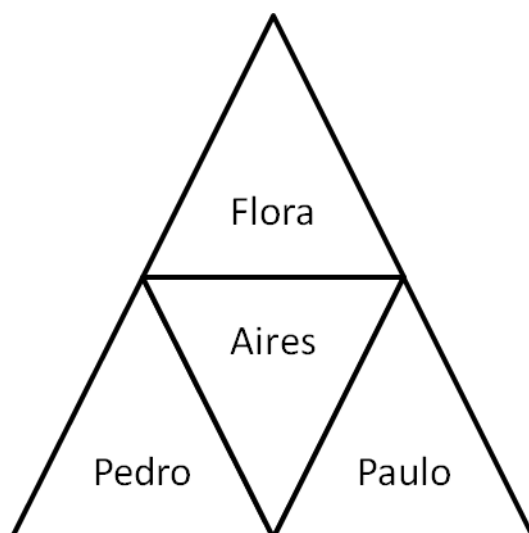
Ainda sobre isso afirma Coutinho (1997, p.32): “O que importa em arte não é o material, venha de onde vier. É o modo como é tratado. É seu tratamento original, artístico. E esse foi o segredo de Machado”.

² Por sincretismo religioso neste trabalho entende-se que há uma mistura de religiões na vida dos personagens machadianos: Natividade, sendo uma católica fervorosa faz uma consulta a uma adivinha; Santo faz uma consulta a um espírita.

Estrutura do Romance

O desenvolvimento da ação no romance gira em torno da rivalidade crescente entre Pedro e Paulo, principalmente no que concerne a disputa de ambos para conquistar o amor de Flora.

O tema central da narrativa gira em torno de quatro personagens principais: Pedro, Paulo, Flora e o Conselheiro Aires. Esses personagens podem ser representados pelo seguinte esquema feito por Marques Filho (2007):



Lado a lado temos Pedro e Paulo. Nascidos de um mesmo útero, mas diferentes por natureza. Acima temos a inatingível Flora que não se decide por nenhum dos dois. No centro, como intermediador e guia dos três personagens o Conselheiro Aires que ocupa a posição central do triângulo amoroso.

O Conselheiro Aires é um personagem instigante que contracena com Natividade, mãe dos gêmeos Pedro e Paulo. Os personagens Pedro e Paulo,

apesar de terem na aparência semelhança quase que absoluta, discordam em quase tudo na vida, principalmente na política, que é o assunto dominante de Machado de Assis nesse romance. Apesar de estarem em campos opostos os gêmeos cortejam o mesmo amor o de Flora. O romance tornar-se uma peça artística de beleza singular quando Machado estabelece a trama onde os iguais são opostos e concorrentes.

John Gledson na abertura do capítulo dedicado ao *Esaú e Jacó* que, segundo ele, “é diferente de todos os outros romances que Machado escreveu” (GLEDSON, 198. p.161). A marca distintiva em *Esaú e Jacó* está justamente na ambigüidade tanto nos personagens quanto na narrativa, que nesse caso é do próprio Machado de Assis que pode ser percebida no Conselheiro Aires, considerado o alter-ego do próprio Machado, que além de ser personagem-narrador do romance, é descrito por um terceiro, que no caso é o escritor Machado de Assis, como pode ser percebido no capítulo XII, intitulado “Esse Aires”, assim transcrito:

Esses Aires que aí aparece conserva ainda agora algumas das virtudes daquele tempo, e quase nenhum vício. Não atribuas tal estado a qualquer propósito. Nem creias que vai nisto um pouco de homenagem à modéstia da pessoa. Não, senhor, é verdade pura e natural efeito. Apesar dos quarenta anos, ou quarenta e dous, e talvez por isso mesmo, era um belo tipo de homem. Diplomata de carreira... (COUTINHO, 1997, pg. 964).

Machado, curiosamente, não se apresenta como autor do livro, mas afirma que o que deu origem à obra foi a descoberta dos manuscritos do Conselheiro Aires após sua morte, como ele mesmo afirma em sua “Advertência”, costume adotado em várias de suas obras.

Apesar de a obra ser publicada apenas em 1904, os fatos que o romance se refere vão de 1855 a 1890. É um período de ebulição social e política no Brasil. A economia do café, extinção do trabalho escravo o emprego de mão-de-obra livre eram temas freqüentes.

O propósito central na narrativa de Machado de Assis é chamar a atenção para o problema para a questão Império/República de seus dias. De um lado havia a questão do Império, que governara o Brasil com mão de ferro, por outro a República, que prometia liberdade e independência. Ambos eram irreconciliáveis em sua natureza. Certo é que ambas o regimes estão lutando pelo mesmo ideal: o Brasil que é representado alegoricamente pela personagem Flora, amada pelos gêmeos, mas que morre sem se decidir por nenhum dos dois.

Apesar de haver no Brasil vários assuntos pertinentes à política como escravidão, encilhamento e Estado de sítio a preocupação central de autor era a Proclamação da República, onde se vê claramente uma crítica contundente, ora seus personagens apoiando ora combatendo.

De todos os escritos de Machado de Assis *Esaú e Jacó* é a obra em que mais acentuou a questão sócio-política. Além dessas questões outra disputa caminha paralelamente, é a conquista pelo amor de Flora, que por sua vez, morre sem se decidir por nenhum dos gêmeos.

Pedro e Paulo elegem-se deputados e são rivais na tribuna e só se reconciliam com um novo juramento de amizade feita junto ao leito da mãe agonizante.

Na advertência do capítulo, Machado chama a atenção para expressão latina empregada por ele “*Ab ovo*” (do ovo) dado a idéia teológica de que as coisas que hão de acontecer tanto na obra quanto na vida real são já pré-estabelecidas desde o nascimento.

Quanto ao título, foram lembrados vários, em que o assunto se pudesse resumir, *Ab ovo*, por exemplo, apesar do latim; venceu, porém, a idéia de dar estes dois nomes que o próprio Aires citou uma vez. (OBRAS COMPLETAS, 1997, p. 946)

O romance *Esaú e Jacó* é impregnado de descrições pormenorizadas. Aspecto este característico do movimento realista. Enquanto no Romantismo a

preocupação está na imaginação, criando assim um mundo ideal o Realismo se preocupa com a realidade e a veracidade dos fatos.

A título de ilustração foi escolhido o seguinte relato religioso em Esaú e Jacó para demonstrar como um autor realista se comporta, mesmo diante de uma impossibilidade vivida por personagens criados:

O doutor foi à estante e tirou uma Bíblia, encadernada em couro, com grandes fechos de metal. Abriu a Epistola de S. Paulo aos Gálatas, e leu a passagem do capítulo II, versículo 11, em que o apóstolo conta que, indo a Antioquia, onde estava S. Pedro, "resistiu-lhe na cara". Santos leu e teve uma idéia. As idéias querem-se festejadas, quando são belas, e examinadas, quando novas; a dele era a um tempo nova e bela. Deslumbrado, ergueu a mão e deu uma palmada na folha, bradando: -Sem contar que este número onze do versículo, composto de dous algarismos iguais, 1 e 1, é um número gêmeo, não lhe parece? -Justamente. E mais: o capítulo é o segundo, isto é, dous, que é o próprio número dos irmãos gêmeos. Mistério engendra mistério. Havia mais de um elo íntimo, substancial, escondido, que ligava tudo. Briga, Pedro e Paulo, irmãos gêmeos, números gêmeos, tudo eram águas de mistério que eles agora rasgavam, nadando e bracejando com força. Santos foi mais ao fundo; não seriam os dous meninos os próprios espíritos de S. Pedro e de S. Paulo, que renasciam agora, e ele, pai dos dous apóstolos?... A fé transfigura; Santos tinha um ar quase divino, trepou em si mesmo, e os olhos, ordinariamente sem expressão, pareciam entornar a chama da vida. Pai de apóstolos! E que apóstolos! Plácido esteve quase, quase a crer também, achava-se dentro de um mar torvo, soturno, onde as vozes do infinito se perdiam, mas logo lhe acudia que és espíritos de S. Pedro e S. Paulo tinham chegado à perfeição; não tornariam cá. Não importa; seriam outros, grandes e nobres. Os seus destinos podiam ser brilhantes; tinha razão a cabocla, sem saber o que dizia. (COUTINHO, 1997, p.975)

Dualidade³

O título da obra *Esaú e Jacó* remete à reflexão de que o ser humano é incoerente. Os gêmeos do romance são representações simbólicas de uma única realidade. O próprio Conselheiro Aires percebe a dualidade encontrada nesses dois personagens quando contemplava o esboço de um desenho feito por Flora de duas cabeças:

Flora mostrou-lhe os desenhos que fizera, paisagens, figuras, um pedaço da estrada da Tijuca, um chafariz antigo, um Princípio de casa. (...). Aires ia folheando, cheio de curiosidade e paciência - a intenção da obra supria a perfeição, e a fidelidade devia ser aproximada. Enfim, a moça atou os cordões à pasta. Aires, parecendo-lhe que ficara um desenho último e escondido, pediu que lho mostrasse. -É um esboço, não vale a pena. -Tudo vale a pena; quero acompanhar as tentativas da artista; deixe ver. -Não vale a pena... Aires insistiu; ela não pôde recusar mais tempo, abriu a pasta, e tirou um pedaço de papel grosso em que estavam desenhadas duas cabeças juntas e iguais. Não teriam a perfeição desejada por ela; não obstante, dispensavam os nomes. Aires considerou a obra, durante alguns minutos, e duas ou três vezes levantou os olhos para a autora. Flora já os esperava, interrogativa; queria ouvir o louvor ou a crítica, mas não ouviu nada. Aires acabou de observar as duas cabeças, e pousou o desenho entre os papéis. -Não lhe dizia que era um esboço? perguntou Flora, a ver se lhe arrancava uma palavra. Mas o ex-ministro preferiu não dizer nada. Em vez de achar quase extinta a influência dos gêmeos, vinha dar com ela feita consolação da ausência, tão viva que bastava a memória, sem presença dos modelos. As duas cabeças estavam ligadas por um veículo escondido. Flora, vendo continuar o silêncio de Aires, compreendeu acaso parte do que lhe passava no espírito. Com um gesto pronto, pegou do desenho e deu-lho. Não lhe disse nada, menos ainda escreveu qualquer palavra. Qualquer .que fosse, seria indiscreta. Demais, era o único desenho a que ela não pôs assinatura. Deu-lho como se fora um penhor de arrependimento. Em seguida, atou novamente as fitas da pasta, enquanto Aires rasgava calado o desenho e metia os pedaços no bolso. Flora ficou por um instante parada, boca entreaberta mas logo lhe apertou a mão, agradecida. Não pôde evitar que lhe caíssem duas pequenas lágrimas, - como outras tantas fitas que lhe atavam para sempre a pasta do passado. A imagem não é boa, nem verdadeira; foi a que acudiu ao conselheiro, andando, ao voltar de Andaraí. Chegou a escrevê-la no Memorial, depois riscou-a, e escreveu uma

³ Não se entende dualismo aqui do mesmo modo como se entende em filosofia. O dualismo na obra de Machado é referente ao comportamento fragmentado, dividido e indeciso do personagem. .

reflexão menos definitiva: "Talvez seja uma lágrima para cada gêmeo". "Pode acabar com o tempo, pensou ele indo para a barca de Petrópolis. Não importa; é um caso embrulhado." (COUTINHO, 1997 p. 1071)

Esta inconstância de Flora na não decisão por nenhum dos gêmeos é o clima de todo o enredo da obra. O conselheiro Aires, vendo as duas lágrimas sendo derramada por Flora chega à conclusão que talvez seja uma lágrima para cada um dos gêmeos.

Como é típico em Machado, chega-se ao final do romance sem saber a quem Flora amava Pedro ou Paulo. Esta tarefa fica por conta do leitor.

Esta instalação da incerteza é a atmosfera pretendida por Machado desde o princípio do romance. Esta condição humana da dúvida é ressaltada em Machado.

Diálogo com o Leitor

Uma das marcas de Machado de Assis é seu interesse em travar um diálogo intenso e constante com seus leitores.

Além de ser uma técnica digressiva, onde o autor se afasta por alguns instantes da narrativa central, a técnica machadiana é metalingüística, ou seja, Machado se propõe a explicar seu método da composição do romance.

Segundo o mesmo autor, nos primeiros anos da República Brasileira, aqueles que haviam depositado sua confiança no novo regime ficaram desapontados, gerando assim um inconformismo.

Em *Esaú e Jacó*, Machado de Assis cria uma alegoria para descrever a disputa política brasileira de seus dias através da narrativa de dois irmãos gêmeos que foram durante toda a vida irreconciliáveis, assim como aqueles dois regimes governamentais.

Divide-se a obra de Machado de Assis em duas fases distintas. A primeira fase Romântica é marcada por um amadurecimento em seu estilo desde o romance *Ressurreição* (1899) passando pelos romances *A Mão e a Luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878). O marco da mudança do Romantismo para o Realismo se dá na obra *Memória Póstuma de Brás Cubas* (1881), talvez a obra de maior expressão literária do autor e também da Literatura Brasileira. *Quincas Borbas* (1891), *Dom Casmurro* (1899), *Esaú e Jacó* (1904) e *Memorial de Aires* (1908) são os outros romances que vieram em seguida compondo assim sua segunda fase que é considerada a fase madura do escritor Machado de Assis.

Foco narrativo

Faz-se necessário esclarecer que o foco narrativo em *Esaú e Jacó* é bastante complexo. Desde *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, onde Machado narra seu romance através de um personagem defunto, encontramos uma das marcas do realismo nunca antes encontrado na literatura brasileira. Além do tema “morte” ser encarado de maneira tão natural o autor-morto também

descreve com naturalidade todas as mazelas humanas na existência dos personagens da obra.

Na obra seguinte; *Dom Casmurro*, Machado de Assis se mostra mais uma vez criativo. Agora o foco narrativo é colado na vida de um personagem suspeito “Bentinho”, que cria nos leitores a dúvida e não a certeza, principalmente no que concerne a traição ou não de Capitu.

Em *Esaú e Jacó* Machado de Assis cria um personagem-narrador que, surpreendentemente se apresenta em terceira pessoa:

Aires não pensava nada, mas percebeu que os outros pensavam alguma coisa, e fez um gesto de dois sexos. Como insistissem, não escolheu nenhuma das duas opiniões, achou outra, média, que contentou a ambos os lados, coisa rara em opiniões médias. Sabes que o destino delas é serem desdenhadas. Mas este Aires, — José da Costa Marcondes Aires, — tinha que nas controvérsias uma opinião dúbia ou média pode trazer a oportunidade de uma pílula, e compunha as suas de tal jeito, que o enfermo, se não sarava, não morria, e é o mais que fazem *pílulas*. (COUTINHO, 1997, p. 965)

Schwarz (2002, p.222) chega a afirmar em seu livro *Um mestre na periferia do capitalismo* que “A novidade dos romances da segunda fase está no seu narrador”.

Vê-se que Machado de Assis foi um escritor criativo que não se detém em nenhuma estrutura engessada. Ivan Teixeira (1997, p. 45) comentando sobre o foco narrativo em *Esaú e Jacó* afirma:

A invenção do pseudo-autor Aires acabou gerando uma nova dimensão de foco narrativo: nem primeira nem terceira pessoa, mas uma coisa diferente, em que um autor imaginário trata-se a si mesmo como um ele, uma terceira pessoa, a cuja visão de mundo submete, no entanto, toda a outra matéria narrada no romance. (Teixeira 1997, p. 45)

Contexto religioso

Apesar desse trabalho focar a relação textual entre o romance *Esaú e Jacó* e a *Bíblia*, se faz necessário lembrar que existem outras narrativas religiosas registradas na obra, dentre elas pode-se citar o espiritismo, ocultismo, catolicismo e algumas alusões ateístas.

O romance *Esaú e Jacó* concentra em suas páginas uma quantidade considerável de alusões ao catolicismo.

A Bíblia é recorrente na vida dos personagens em Machado de Assis que, em sua grande maioria são católicos devotos. Este fato pode contribuir para a tese de que a Bíblia era conhecida e lida naquela época.

Levanta-se a tese aqui que proposta é verificar como Machado percebia o meio religioso dos seus dias e como ele, utilizando da arte literária, ora descrevia, ora modificava.

A obra *Esaú e Jacó* sempre vai além do que é dito. Machado cria uma verdadeira alegoria, onde o que é dito é apenas um símbolo do real, que no caso da obra é nação brasileira. Machado de Assis utilizou-se do recurso da *paralipse* (escassez de dados) ao invés da *paralepse* (excesso de dados) (. Esse recurso da literatura é marcante em Machado para criar o clima de curiosidade no leitor, fazendo-o procurar o verdadeiro sentido da obra.

Para ilustrar a técnica machadiana verificar-se-á apenas dois momentos religiosos que caracterizam seu estilo.

Logo no início da obra lê a narrativa de duas personagens do romance: Natividade e Perpétua que se deslocam do chique bairro do Botafogo com destino ao Morro do Castelo, para fazer uma consulta a uma adivinha de nome Bárbara. A cena é repleta de religiosidade, como que querendo descrever o ritual de penitência:

O íngreme, o desigual, o mal calçado da ladeira mortificavam os pés às duas pobres donas. Não obstante, continuavam a subir, como se fosse penitência, devagarinho, cara no chão, véu para baixo. A manhã trazia certo movimento; mulheres, homens, crianças que desciam ou subiam, lavadeiras e

soldados, algum empregado, algum lojista, algum padre, todos olhavam espantados para elas, que aliás vestiam com grande simplicidade; mas há um donaire que se não perde, e não era vulgar naquelas alturas. (COUTINHO, 1997, p. 947)

Percebe-se que há um deslocamento intencional do autor em descrever o ato de subir ao morro para uma consulta com relação ao rito de penitência comum na prática religiosa. Nesse caso o próprio autor indica a semelhança entre a ação de seus personagens e a prática católica na expressão “como se fosse penitência”.

Era uma criaturinha leve e breve, saia bordada, chinelinha no pé. Não se lhe podia negar um corpo airoso. Os cabelos, apanhados no alto da cabeça por um pedaço de fita enxovalhada, faziam-lhe um solidéu natural, cuja borla era suprida por um raminho de arruda. Já vai nisto um pouco de sacerdotisa. O mistério estava nos olhos. Estes eram opacos, não sempre nem tanto que não fossem também lúcidos e agudos, e neste último estado eram; igualmente compridos; tão compridos e tão agudos que entravam pela gente abaixo, revolviam o coração e tornavam cá fora, prontos para nova entrada e outro revolvimento. (OBRAS COMPLETAS, 1993. p. 948)

Quadro Referencial Comparativo da obra Esaú e Jacó e a Bíblia

Com o seguinte quadro comparativo tem-se o propósito de demonstrar o como Machado de Assis utilizou a Bíblia na sua obra.

Registra-se ainda que além dos textos apresentado no quadro há outras passagem que fazem alusão ao mundo bíblico que não foram aqui colocados, como, por exemplo, referências ao Credo Apostólico e também expressões tais como “Juro por Deus nosso Senhor” e “Fora com diagramas! Tudo irá como se realmente visses jogar a partida entre pessoa e pessoa, ou mais claramente, entre Deus e o Diabo” e outros textos dessa natureza que também não foram catalogados.

Esaú e Jacó

Bíblia

<p>Viu um mendigo que lhe estendia o chapéu roto e seberto, meteu vagarosamente a mão no bolso do colete, também roto, e aventou uma moedinha de cobre que deitou ao chapéu do mendigo, rápido, às escondidas, como quer o Evangelho.</p> <p>CAPÍTULO III / A ESMOLA DA FELICIDADE</p>	<p>Mateus 6:1-4 Guardai-vos de exercer a vossa justiça diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles; doutra sorte, não tereis galardão junto de vosso Pai celeste. Quando, pois, deres esmola, não toques trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas, nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa. Tu, porém, ao dares a esmola, ignore a tua mão esquerda o que faz a tua mão direita; para que a tua esmola fique em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará.</p>
---	---

Esaú e Jacó

Bíblia

<p>Eis aí vinha a realidade do sonho de dez anos, uma criatura tirada da coxa de Abraão, como diziam aqueles bons judeus, que a gente queimou mais tarde, e agora empresta generosamente o seu dinheiro às companhias e às nações</p> <p>CAPÍTULO VI / MATERNIDADE</p>	<p>Lucas 19:8-10 Entrementes, Zaqueu se levantou e disse ao Senhor: Senhor, resolvo dar aos pobres a metade dos meus bens; e, se nalguma coisa tenho defraudado alguém, restituo quatro vezes mais. ⁹ Então, Jesus lhe disse: Hoje, houve salvação nesta casa, pois que também este é filho de Abraão. ¹⁰ Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o perdido.</p>
---	--

Esaú e Jacó

Bíblia

<p>-Esaú e Jacó brigaram no seio materno, isso é verdade. Conhece-se a causa do conflito. Quanto a outros, dado que briguem também, tudo está em saber a causa do conflito, e não a sabendo, porque a Providência a esconde da notícia humana...</p> <p>CAPÍTULO XIV / A LIÇÃO DO DISCÍPULO</p>	<p>Gênesis 25:23-28 Respondeu-lhe o SENHOR: Duas nações há no teu ventre, dois povos, nascidos de ti, se dividirão: um povo será mais forte que o outro, e o mais velho servirá ao mais moço. Cumpridos os dias para que desse à luz, eis que se achavam gêmeos no seu ventre. Saiu o primeiro, ruivo, todo revestido de pêlo; por isso, lhe chamaram Esaú. Depois, nasceu o irmão; segurava com a mão o calcanhar de Esaú; por isso, lhe chamaram Jacó. Era Isaque de sessenta anos, quando Rebeca lhos deu à luz. ²⁷ Cresceram os meninos. Esaú saiu perito caçador, homem do campo; Jacó, porém, homem pacato, habitava em tendas. ²⁸ Isaque amava a Esaú, porque se saboreava de sua caça; Rebeca, porém, amava a Jacó.</p>
--	--

Esau e Jacó**Bíblia**

<p>Se fosse uma causa espiritual, por exemplo... -Por exemplo? - Por exemplo, se as duas crianças quiserem ajoelhar-se ao mesmo tempo para adorar o Criador. Aí está um caso de conflito, mas de conflito espiritual, cujos processos escapam à sagacidade humana. Também poderia ser um motivo temporal. Suponhamos a necessidade de se acotovelarem para ficar melhor acomodados; é uma hipótese que a ciência aceitaria; isto, não sei... Há ainda o caso de quererem ambos a primogenitura.</p> <p>CAPÍTULO XIV / A LIÇÃO DO DISCÍPULO</p>	<p>Gênesis 25:29-34 Tinha Jacó feito um cozinhado, quando, esmorecido, veio do campo Esaú e lhe disse: Peço-te que me deixes comer um pouco desse cozinhado vermelho, pois estou esmorecido. Daí chamar-se Edom. Disse Jacó: Vende-me primeiro o teu direito de primogenitura. Ele respondeu: Estou a ponto de morrer; de que me aproveitará o direito de primogenitura? Então, disse Jacó: Jura-me primeiro. Ele jurou e vendeu o seu direito de primogenitura a Jacó. Deu, pois, Jacó a Esaú pão e o cozinhado de lentilhas; ele comeu e bebeu, levantou-se e saiu. Assim, desprezou Esaú o seu direito de primogenitura.</p>
---	--

Esau e Jacó**Bíblia**

<p>Já o fato de se chamarem Pedro e Paulo indicava alguma rivalidade, porque esses dois apóstolos brigaram também.</p> <p>CAPÍTULO XV / TESTE DAVID CUM SIBYLLA</p>	<p>Gálatas 2:11-21 Quando, porém, Cefas veio a Antioquia, resisti-lhe face a face, porque se tornara repreensível.</p>
--	---

Esau e Jacó**Bíblia**

O doutor foi à estante e tirou uma Bíblia, encadernada em couro, com grandes fechos de metal. Abriu a Epístola de S. Paulo aos Gálatas, e leu a passagem do capítulo II, versículo 11, em que o apóstolo conta que, indo a Antioquia, onde estava S. Pedro, "resistiu-lhe na cara".

CAPÍTULO XV / TESTE DAVID CUM SIBYLLA

Gálatas 2:11-21 Quando, porém, Cefas veio a Antioquia, resisti-lhe face a face, porque se tornara repreensível. Com efeito, antes de chegarem alguns da parte de Tiago, comia com os gentios; quando, porém, chegaram, afastou-se e, por fim, veio a apartar-se, temendo os da circuncisão. E também os demais judeus dissimularam com ele, a ponto de o próprio Barnabé ter-se deixado levar pela dissimulação deles. Quando, porém, vi que não procediam corretamente segundo a verdade do evangelho, disse a Cefas, na presença de todos: se, sendo tu judeu, vives como gentio e não como judeu, por que obrigas os gentios a viverem como judeus? Nós, judeus por natureza e não pecadores dentre os gentios, sabendo, contudo, que o homem não é justificado por obras da lei, e sim mediante a fé em Cristo Jesus, também temos crido em Cristo Jesus, para que fôssemos justificados pela fé em Cristo e não por obras da lei, pois, por obras da lei, ninguém será justificado. Mas se, procurando ser justificados em Cristo, fomos nós mesmos também achados pecadores, dar-se-á o caso de ser Cristo ministro do pecado? Certo que não! ¹⁸ Porque, se torno a edificar aquilo que destruí, a mim mesmo me constituo transgressor. Porque eu, mediante a própria lei, morri para a lei, a fim de viver para Deus. Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim. Não anulo a graça de Deus; pois, se a justiça é mediante a lei, segue-se que morreu Cristo em vão.

Esaú e Jacó***Bíblia***

A missa é que era a mesma, e o evangelho começava como o de S. João (emendado): "No princípio era o amor, e o amor se fez carne".	John 1:1 No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.
---	--

Esaú e Jacó***Bíblia***

O frade, lido na Escritura, sabendo que Israel chorou pelas cebolas do Egito, teria também chorado, e as suas lágrimas caíram negras. Pode ser, repito. Este desejo de capturar o tempo é uma necessidade da alma e dos queixos; mas ao tempo dá Deus habeas corpus. CAPÍTULO XXIII / QUANDO TIVEREM BARBAS	Números 11:4-5. O populacho que estava no meio deles veio a ter grande desejo das comidas dos egípcios; pelo que os filhos de Israel tornaram a chorar e também disseram: Quem nos dará carne a comer? Lembramo-nos dos peixes que, no Egito, comíamos de graça; dos pepinos, dos melões, dos alhos silvestres, das cebolas e dos alhos.
---	---

Esaú e Jacó***Bíblia***

Mas que abençoe a força e cumpra as leis sempre, sempre, sempre, é violar a liberdade primitiva, a liberdade do velho Adão. CAPÍTULO XXXIX / UM GATUNO	Doutrina: Trata-se aqui de uma referência da doutrina do livre-arbítrio, onde Machado alude à passagem Bíblica do livro do Gênesis.
--	---

Esaú e Jacó***Bíblia***

Paulo leu o artigo. Tinha por epígrafe	Amós 4:1 Ouvei esta palavra, vacas de
--	--

<p>isto de Amós: "Ouvi esta palavra, vacas gordas que estais no monte de Samaria..." As vacas gordas eram o pessoal do regímen, explicou Paulo.</p> <p>CAPÍTULO XLIV / O SALMO</p>	<p>Basã, que estais no monte de Samaria, oprimis os pobres, esmagais os necessitados e dizeis a vosso marido: Dá cá, e bebamos.</p>
---	---

Esaú e Jacó

Bíblia

<p>XLVII S. Mateus, IV, 1-10 Se há muito riso quando um partido sobe, também há muita lágrima do outro que desce, e do riso e da lágrima se faz o primeiro dia da situação, como nos Gênesis.</p> <p>O pai não apurou as causas da recusa; supô-las políticas, e achou novas forças para resistir às tentações de D. Cláudia: "Vai-te, Satanás; porque escrito está: Ao Senhor teu Deus adorarás, e a ele servirás". E seguiu-se como na Escritura: "Então o deixou o Diabo; e eis que chegaram os anos e o</p>	<p>Mateus 4:1-10 A seguir, foi Jesus levado pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo. E, depois de jejuar quarenta dias e quarenta noites, teve fome. Então, o tentador, aproximando-se, lhe disse: Se és Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães. Jesus, porém, respondeu: Está escrito: Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus. Então, o diabo o levou à Cidade Santa, colocou-o sobre o pináculo do templo e lhe disse: Se és Filho de Deus, atira-te abaixo, porque está escrito:</p>
---	---

<p>serviram". Os anjos foram só um, que valia por muitos; e o pai lhe disse beijando-a carinhosamente: -Muito bem, muito bem, minha filha. -Não é, papai? Não, não foi a filha que tolheu a deserção do pai. Ao contrário. Batista, se tivesse de ceder, cederia à mulher ou ao Diabo, sinônimos neste capítulo.</p> <p>CAPÍTULO XLVII/S. MATEUS, IV, 1-10</p>	<p>Aos seus anjos ordenará a teu respeito que te guardem; e: Eles te susterrão nas suas mãos, para não tropeçares nalguma pedra. Respondeu-lhe Jesus: Também está escrito: Não tentarás o Senhor, teu Deus. Levou-o ainda o diabo a um monte muito alto, mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles e lhe disse: Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares. Então, Jesus lhe ordenou: Retira-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor, teu Deus, adorarás, e só a ele darás culto.</p>
---	--

Esau e Jacó

Bíblia

<p>Era talvez excesso de pudor. Há muito excesso nesse sentido, e o acertado é perdoá-lo. Há também excessos contrários, condescendências fáceis, pessoas que entram com prazer na troca de alusões picantes. Também se devem perdoar. Em suma, o perdão chega ao Céu. Perdoai-vos uns aos outros, é a lei do Evangelho.</p> <p>CAPÍTULO LI / AQUI PRESENTE</p>	<p>Mateus 6: 14,5</p> <p>Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará; se, porém, não perdoardes aos homens <i>as suas ofensas</i>, tampouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas.</p>
--	---

Esau e Jacó

Bíblia

<p>Não tardou que a zanga fugisse</p>	<p>Mateus 5:1-11 Vendo Jesus as</p>
---------------------------------------	--

<p>diante da graça, da brandura e da adoração. Bem-aventurados os que ficam, porque eles serão compensados.</p> <p>CAPÍTULO LI / AQUI PRESENTE</p>	<p>multidões, subiu ao monte, e, como se assentasse, aproximaram-se os seus discípulos; e ele passou a ensiná-los, dizendo: Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados. Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra. ⁶ Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos. Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia. Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus. Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus. Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós.</p>
---	---

Esaú e Jacó

Bíblia

<p>Considere tudo, idade de Pedro, o mal da Terra, o bem da mesma Terra. Considere mais a vontade do Céu, que vela por todas as criaturas que se querem, salvo se um só é que quer a outra, porque então o Céu é um abismo de iniquidades, e não lhe importa esta imagem.</p> <p>CAPÍTULO LII / UM SEGREDO</p>	<p>Provavelmente o autor se refere a vontade de Deus expressa na oração conhecida como “Pai Nosso”: Mateus 6:9-13. Portanto, vós orareis assim: Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome; venha o teu reino; faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu; o pão nosso de cada dia dá-nos hoje; e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores; e não nos deixes cair em tentação; mas livra-nos do mal pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém!</p>
---	--

Esaú e Jacó

Bíblia

<p>A Virgem Santíssima... E beijava a nota, e queria beijar a mão que lhe dera a esmola, mas ele a escondeu, como no Evangelho, murmurando que não, que se fosse embora.</p> <p>CAPÍTULO LXV / ENTRE OS FILHOS</p>	<p>Mateus 6:1-4 Guardai-vos de exercer a vossa justiça diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles; doutra sorte, não tereis galardão junto de vosso Pai celeste. ² Quando, pois, deres esmola, não toques trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas, nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa. ³ Tu, porém, ao dares a esmola, ignore a tua mão esquerda o que faz a tua mão direita; ⁴ para que a tua esmola fique em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará.</p>
---	--

Esau e Jacó

Bíblia

<p>Talvez o velho Plácido deslindasse o problema em cinco minutos. Mas para isso era preciso evocá-lo, e o discípulo Santos cuidava agora de umas liquidações últimas e lucrativas. Não só de fé vive o homem, mas também de pão e seus compostos e similares.</p> <p>CAPÍTULO LXXXI / AI, DUAS ALMAS...</p>	<p>Mateus 4:2-4 E, depois de jejuar quarenta dias e quarenta noites, teve fome. Então, o tentador, aproximando-se, lhe disse: Se és Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães. Jesus, porém, respondeu: Está escrito: Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus.</p>
---	--

Esau e Jacó

Bíblia

Natividade cuidava de subir com os filhos. Sempre haveria lá no alto damas elegantes, diversões, alegria. Podia ser até que eles achassem noivas, e bastava uma para um. O que ficasse sem ela teria a liberdade de desposar Flora. Cálculos de mãe; vieram outros que os modificaram, e outros que os restauraram. Quem for mãe que lhe atire a primeira pedra. Nenhuma outra mãe atirou a primeira pedra à nossa amiga.

CAPÍTULO LXXXIV / O VELHO SEGREDO

João 8:3-11 Os escribas e fariseus trouxeram à sua presença uma mulher surpreendida em adultério e, fazendo-a ficar de pé no meio de todos, disseram a Jesus: Mestre, esta mulher foi apanhada em flagrante adultério. E na lei nos mandou Moisés que tais mulheres sejam apedrejadas; tu, pois, que dizes? Isto diziam eles tentando-o, para terem de que o acusar. Mas Jesus, inclinando-se, escrevia na terra com o dedo. Como insistissem na pergunta, Jesus se levantou e lhes disse: Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire pedra. E, tornando a inclinar-se, continuou a escrever no chão. Mas, ouvindo eles esta resposta e acusados pela própria consciência, foram-se retirando um por um, a começar pelos mais velhos até aos últimos, ficando só Jesus e a mulher no meio onde estava. Erguendo-se Jesus e não vendo a ninguém mais além da mulher, perguntou-lhe: Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou? Respondeu ela: Ninguém, Senhor! Então, lhe disse Jesus: Nem eu tampouco te condeno; vai e não peques mais.

<p>Combinem um modo de cortar este nó górdio. Cada um que siga a sua vocação. Você, Pedro, tentará primeiro desatá-lo; se ele não puder, Paulo, você pegue da espada de Alexandre, e dê-lhe o golpe. Fica tudo feito e acabado. Então o destino, que os espera, com duas belas criaturas, virá trazê-las pela mão a um e a outro, e tudo se compõe na Terra como no Céu. CAPÍTULO XC / O AJUSTE</p>	<p>Mateus 6:7-13 E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios; porque presumem que pelo seu muito falar serão ouvidos. Não vos assemelheis, pois, a eles; porque Deus, o vosso Pai, sabe o de que tendes necessidade, antes que lho peça. Portanto, vós orareis assim: Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome; venha o teu reino; faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu; o pão nosso de cada dia dá-nos hoje; e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores; e não nos deixes cair em tentação; mas livra-nos do mal pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém!</p>
--	---

Esau e Jacó

Bíblia

<p>Tudo isso lhe custava tanto, que ela acabou pedindo ao seu Cristo um lugar de governador para o pai, - ou qualquer comissão fora daqui. Jesus Cristo não distribui os governos deste mundo. O povo é que os entrega a quem merece, por meio de cédulas fechadas, medidas dentro de uma urna de madeira, contadas, abertas, lidas, somadas e multiplicadas. A comissão podia vir, isso sim; a questão era saber se Jesus Cristo acudirá a todos os que lhe pedem a mesma cousa. Os comissários seriam infinitamente mais que as comissões. Esta objeção foi logo expelida do espírito de Flora, porque ela pedia ao seu Cristo, um de marfim velho, deixa da avó, um Cristo que nunca lhe negou nada, e a quem as outras pessoas não vinham importunar com súplicas.</p> <p>CAPÍTULO XCVII / UM CRISTO PARTICULAR</p>	<p>Mateus 21:21-22 Jesus, porém, lhes respondeu: Em verdade vos digo que, se tiverdes fé e não duvidardes, não somente fareis o que foi feito à figueira, mas até mesmo, se a este monte disserdes: Ergue-te e lança-te no mar, tal sucederá; e tudo quanto pedirdes em oração, crendo, recebereis.</p> <p>João 14:13-14 E tudo quanto pedirdes em meu nome, isso farei, a fim de que o Pai seja glorificado no Filho. Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei.</p>
--	---

CAPÍTULO II

Quase todas as grandes obras da literatura mundial têm dimensão religiosa.

George Langenhorst (Manual de Teologia e Literatura)

TEOLOGIA E LITERATURA: Uma aproximação

A leitura dos aspectos religiosos contidos na literatura não é uma tarefa fácil de realizar. Religião e Literatura são de dois campos vastíssimos, e somente recentemente deu-se a devida atenção a esta interface. Desde já afirma-se aqui que Deus não se revela através da literatura universal, mas que o autor, enquanto criador de uma peça literária, manifesta as suas impressões sobre o homem, a natureza e sobre Deus.

Como diz Barcellos falando da relação entre teologia e literatura “As relações entre a teologia e literatura são muito complexas e diversificadas e só recentemente têm sido objeto de uma reflexão sistemática” (BARCELOS, 2008, p. 33)

Sendo assim, este trabalho pretende levantar algumas questões que possam vir a contribuir para a reflexão acadêmica no que tange a descobrir em textos literários, ditos não-teológicos ou religiosos, marcas que expressam sentimentos ou impressões acerca do Sagrado nos textos literários.

Segundo o Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião da Universidade Pontifícia Católica os estudos comparados entre Teologia e Literatura:

Este ramo dos estudos comparados é tradicional em países

como Alemanha e Estados Unidos. Em países Latinos como Chile e Argentina está presente há mais de uma década. Recentemente no Brasil, surgiram quase que simultaneamente em várias universidades pesquisadores em torno desta área comparativista.⁴

Falando sobre Teologia e Cultura, Caldas afirma que:

A teologia reformada se relaciona com a cultura através da doutrina da graça comum, isto é, graça para todos, não “ordinária”, a bênção divina para todos indistintamente, eleitos ou não. Todas as atividades, conquistas e progressos científicos, econômicos, políticos e culturais da civilização humana têm lugar na história devido à graça comum de Deus. (CALDAS, 2001, p. 3)

De acordo com este pensamento então, reconhece-se que toda e qualquer capacidade humana, seja em que área for, foi dada por Deus, é um presente de Deus aos homens, e que finalmente todos estes dons devem ser usados para a felicidade do homem e para o seu bem-estar neste mundo.

A palavra “Teologia” é um enorme guarda-chuva que comporta os mais variados seguimentos. Não é pretensão deste artigo deste artigo fazer uma distinção entre uma “boa teologia” e uma “má teologia”. Mesmo que isto fosse feito ficaria claro que tanto no primeiro caso como no segundo a palavra teologia caberia perfeitamente. Isto porque o termo “Teologia” é usado em qualquer circunstância em que aparece a idéia de Deus.

Teologia e Literatura não são dois mundos separados mas sim dois temas que se relacionam. Como bem afirmou Manzatto “Qualquer obra literária, porque representa uma experiência humana, pode então ser usada teologicamente por causa de seu caráter antropológico”. (MANZATTO, 1994 p. 73).

⁴ (http://www.pucsp.br/pos/cre/index.php?p=12&cod_blog=150 05/03/2008 19:15

É exatamente este aspecto que este trabalho se concentrará. Além da teologia tratar propriamente do Ser de Deus, trata, de igual modo do homem. Se na teologia a concentração é dada no ser de Deus e no homem, então tudo que este homem produz deve ser objeto também de estudo da teologia.

Magalhães, falando sobre a obra de arte e aspectos religiosos assim se expressa:

Com isso, a obra de arte, assim como os bens religiosos, recebe um valor a partir de uma crença coletiva, que revela, ao mesmo tempo, um desconhecimento coletivo dos mecanismos produtores do saber, que, por sua vez, é coletivamente produzido e reproduzido. (MAGALHÃES, 2000, p. 67)

Certo é que a Intertextualidade, ou dialogismo, como campo do conhecimento, também analisa este fenômeno em que um texto é remetido a outro ou uma fala é reproduzida em outra. Entretanto, neste trabalho, o objetivo central é perceber mais do o simples uso de idéias teológicas ou religiosas num texto, sejam elas implícitas ou explícitas em um texto. Assim como um sociólogo pode analisar uma sociedade ou época através de um texto, assim podemos perceber aspectos religiosos ou teológicos na literatura universal. Isto se dá devido ao fato do homem ser um ser religioso. Nada mais natural perceber que ele se expressa religiosamente. Há sociedades sem escolas e sem escritas, mas não há uma sociedade que não expresse seus sentimentos religiosos. Nada mais natural então que homem expresse também seus sentimentos acerca do divino através da literatura, que é uma das mais importantes manifestações culturais de um povo.

A teologia não pode e nem deve ficar circunscrita apenas aos catedráticos da Teologia. Certo ou errado, aos olhos do teólogo, o homem se manifesta religiosamente em vários segmentos da produção humana. Mesmo em épocas em que a Igreja dominava não só em assuntos religiosas mas também no mundo das artes aqui e acolá percebe-se manifestações, mesmo que veladas sobre as questões religiosas.

A característica da atualidade é marcada por uma rica e multifacetada possibilidade do diálogo entre várias disciplinas. Afonso Maria Ligorio Soares afirma em entrevista:

Vivemos uma época muito rica de reconhecimento das múltiplas possibilidades de diálogo interdisciplinar na busca de uma aproximação, o mais fidedigna possível, à realidade humana. Nesse sentido, não está isolada a Ciência da Religião quando, na tentativa de melhor (re)conhecer o fenômeno religioso, abraça-o de vários ângulos (antropologia, história, geografia, psicologia, história, física, teologia) e, dentre eles, a crítica literária. Por sua vez, do lado da própria literatura vem-se construindo uma interessante reflexão que lê a obra de arte como expressão de uma busca de sentido que, comumente, se explicita na indagação filosófica, além de se crer respondida nas mais variadas religiões. Essa aproximação às vezes tem sido chamada de “teopoética” (SOARES, 2002,⁵)

Segundo o mesmo autor, a literatura tem um poder teológico, ou seja, o texto, mesmo que não seja estritamente teológico ele pode arrebatá-lo e fazer com que ele busque refletir acerca das respostas para sua existência.

Para Soares este jogo de linguagem, teológica e literária pode produzir um discurso completamente novo. Segundo ele:

O ponto de intersecção é que ambas, literatura e teologia, são aproximações possíveis das reivindicações humanas, das explicações humanas e da condição humana (filosofia, arte, literatura). (SOARES, 2002)⁶,

Assim, segundo o autor, a reflexão teológica é produzida apenas por renomados teólogos em seus gabinetes, como seria de se esperar. Mas

⁵ http://www.geocities.com/ail_br/entresagradoeoprofano.html 06/04/2008 15:25

⁶ http://www.geocities.com/ail_br/entresagradoeoprofano.html 06/04/2008 18:14

qualquer autor que faça uso de um assunto teológico, religioso, transcendente ou coisa do gênero esta produzindo teologia. Não que com isto poderemos ter, intencionalmente em determinada obra literária a intencionalidade do autor em produzir teologia no sentido *stricto sensu* da palavra. O que se vê, nas obras literárias é maneira como isto pode se relacionar com a vida real.

RELAÇÃO ENTRE TEOLOGIA E LITERATURA

Só recentemente no Brasil, a teologia foi tida como matéria disciplinar universitária. Desde 1996 ela consta como especialização no Sistema Federal de Ensino. Entretanto ainda paira no ar o que realmente significa fazer teologia. Problema este que não ocorre com grande ênfase com outras matérias, como Física, Química, Matemática e assim por diante.

Segundo Osvaldo Luiz Ribeiro, em seu artigo intitulado *O que é, afinal, Teologia?*, o autor sugere dois modos de definição de Teologia:

- a) ou a Teologia é o estudo sobre o Sagrado (=Deus)
- b) ou a Teologia é o estudo sobre o pensamento humano sobre o Sagrado. (RIBEIRO, 2004)⁷

A discussão é bastante pertinente já que um se reporta ao objeto de estudo enquanto o outro sobre o objeto. É bastante sutil, mas é de suma importância a sua resposta. No primeiro caso o autor afirma que para que ocorra então a Teologia é preciso que haja certo conhecimento prévio de Deus, e que sua existência e atributos sejam reconhecidos. Neste caso, então é preciso partir do pressuposto de que Deus se revelou e se dá a conhecer ao

⁷ http://www.ouviroevento.pro.br/teologicosfilosoficos/o_que_e__teologia.htm

homem e isto basta. Então o que o homem tem que fazer é simplesmente aceitar tal revelação na sua integralidade.

Para ocorrer então este tipo de teologia o autor afirma que são necessários três elementos:

1. O teólogo é um sujeito que conhece Deus.
2. Aquilo que se sabe sobre Deus torna-se critério para o conhecimento de Deus.
3. A Teologia torna-se necessariamente fechada. (RIBEIRO, 2004)⁸

Este aspecto da teologia tem produzido um longo debate no decorrer dos séculos. Cada grupo, então, vai produzir a sua Teologia. Segundo o parecer do mesmo autor, baseado em Hans Küng este tipo de Teologia não devia estar nas Universidades, seja em que nível for, já que ela se torna uma matéria confessional, não abrindo possibilidade de pensamento contrário, já que está baseada em uma linha teológica dita por este ou aquele Teólogo de renome.

Já no segundo caso, o mesmo autor diz que os pensamentos teólogos são produzidos por homens comuns que no esforço de compreender Deus não se baseia nesta ou naquela revelação ou neste ou aquele dogma.

Seja como for, percebe-se que a tendência Teológica na atualidade é marcada por estes dois prismas; aqueles da linha confessional ou daqueles que partem do princípio de que o homem, em todas as épocas tem produzido pensamentos acerca de Deus, portanto produzido teologia por meio de manifestações diversas.

Os que assim pensam afirmam que este tipo de teologia não precisa necessariamente ser produzido por alguém que tenha fé ou que seja alguém comprometido com alguma verdade em particular. Até mesmo um ateu ou

⁸ http://www.ouviroevento.pro.br/teologicofilosoficos/o_que_e__teologia.htm

agnóstico pode fazer teologia em suas obras. Enfim, desde que ele produza um pensar teológico, e que leve seu leitor a uma reflexão isto é teologia.

Num certo sentido podemos dizer que isto tem certa razão, já que a Teologia como ciência é um esforço humano de tentar entender o sagrado por meio dos recursos que estão à sua disposição. É bem comum falar na atualidade em várias teologias como: Teologia Católica; Teologia Protestante; Teologia islâmica; Teologia Paulina; Teologia Petrina, Teologia Americana, Teologia Latino-Americana, Teologia Calvinista, Teologia Luterana etc. Neste sentido, se existem de fato várias teologias, podemos dizer, então, que cada indivíduo irá conceber a idéia sobre a divindade de maneira diferente. Mesmo diante de um determinado seguimento, dificilmente todos irão ter a mesma compreensão, em toda a sua totalidade, extensão e profundidade acerca de Deus. Esta unanimidade é impossível. Haverá sempre divergências. Até mesmo entre reconhecidos teólogos vemos que há tensões e conflitos em determinados pontos, mesmo que haja unanimidade na maioria de seus pontos sempre encontrar-se aqui e acolá certos entraves. Isto se dá, e é natural, porque a teologia é um esforço do homem tentar entender Deus.

Certo é que cada seguimento achará sempre que o seu conhecimento sobre Deus

e o mais correto, o que é natural, porque, a partir do momento que se percebe que o conhecimento do outro é melhor logo ele passaria para o outro lado.

A interface Teologia e Literatura dever ser vista com naturalidade, visto que, cada indivíduo, seja ele desta ou daquela linha irá ter a sua opinião sobre a existência, atributos e manifestações de Deus.

Este princípio não cabe apenas para a relação entre Teologia e Literatura, mas outras áreas do conhecimento também estão estabelecendo esta aproximação. E cada vez mais a literatura tem sido objeto de estudo, não só nos meios literários, mas também por outros seguimentos. Isto se dá porque o homem tem este desejo em deixar registrados suas impressões e

sentimentos nos mais variados campos. Mesmo que a obra literária seja eminentemente ficcional ela tem relação direta com a vida real do homem.

Acertadamente afirmou Manzatto.

...vários elementos misturam-se e interferem na confecção de uma obra literária, principalmente em se tratando do romance: elementos psicológicos, lingüísticos, religiosos, sociais aí encontram-se presentes. E cada um desses elementos, tomados como componentes da estrutura da obra, pode interessar a sua respectiva ciência. (MANZATTO, 1994, pg. 63)

Mais adiante ele diz ainda:

Na arte literária estão presentes elementos e princípios da psicologia, da sociologia, da filosofia, e mesmo as ciências exatas aí estão presentes, como a matemática, a física, a cibernética, assim como as ciências biológicas. Nada de estranho, pois a literatura é tão grande quanto o humano. (MANZATTO, 1994, p.64)

A literatura tem esta capacidade, de abraçar tudo e tocar em cada parte do conhecimento humano, já que seu tema principal é o homem em sua totalidade. Assim nada de estranho querer saber o que determinado autor falou acerca de Deus. Certo é que o que se diz acerca do sagrado sempre será julgado por esta ou aquela facção da teologia, mas isto é outra questão. O fato é que falou-se acerca de Deus e produziu uma certa reflexão no autor.

Segundo Barcellos há três abordagens possíveis da mútua relação teologia-literatura

a) A leitura teológica de uma obra Literária (BARCELLOS, 2004)⁹.

⁹ http://www.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/T/teologia_literatura.htm 05-06-2007 08:50

Este tipo de literatura busca ler uma obra literária a partir de conceitos teológicos pré-estabelecidos, ou procura descobrir como o autor concebe as questões religiosas no contexto de sua obra. Este tipo de análise busca elementos teológicos dentro do próprio texto.

b) A percepção do próprio texto literário como portador de uma reflexão teológica(BARCELLOS, 2004)¹⁰.

Este tipo de texto é a criação de uma peça literária que tem objetivo último trazer a lume um assunto teológico ou religioso. Este tipo de análise traz a teologia para dentro do texto. Rubens Alves é um bom representante deste tipo de literatura onde seu principal objetivo, em determinadas obras, é discutir pensamentos teológicos profundos por meio de textos eminentemente caracterizados por serem textos literários.

c) Os elementos religiosos, proposições teológicas presentes na obra literária como simples aspectos da cultura e da linguagem de um povo(BARCELLOS, 2004)¹¹.

Este tipo de abordagem levanta aspectos culturais e da linguagem de um povo. O autor da obra levanta o assunto religioso apenas porque faz parte da vivência e é levantado apenas como parte essencial da cultura. O autor não está preocupado em analisar ou discutir o assunto teológico ali abordado. Portanto o autor não está preocupado em provar nada, isto pode ocorrer, mas não é intenção inicial do autor. Os poemas são ricos nesta questão, usam-se os conceitos religiosos apenas para dar aquele colorido para um objetivo maior.

Os três aspectos abordados visam ver na literatura denominada “secular” um verdadeiro celeiro de princípios e valores, morais e espirituais, quer sejam defendidos, quer sejam refutados.

¹⁰ http://www.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/T/teologia_literatura.htm 05-06-2007 08:50

¹¹ http://www.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/T/teologia_literatura.htm 05-06-2007 08:50

Já Vaz¹² vê, no que ele chama de “linguagem de empréstimo” três tipos de linguagem nos quais a teologia atual procurará apoiar-se para garantir sua própria sobrevivência, são elas: a) A linguagem das reivindicações humanas (empenho histórico, promoção humana, revoluções)

b) A linguagem das explicações humanas (ciências humanas e naturais)

c) A linguagem da condição humana (filosofia, arte, literatura) (VAZ, 2007)

Segundo o mesmo autor o que importa em toda a literatura em suas discussões, no que tange a teologia e literatura, é abordar o assunto supremo ou seja; o homem, seu tempo e suas relações.

Para defender sua tese o autor lança mão da seguinte editorial citação da Revista Concilium:

"(...) não se trata de dar continuidade às tentativas de uma teologia 'poética' ou da 'espiritualidade', conhecidas de todas as épocas e caracterizadas pelo vago e arbitrário. O que se pretende, pelo contrário, é encontrar na forma literária um novo rigor que permita à teologia prosseguir seu trabalho peculiar, numa época que não se parece nem com a da abstração nem com a do sistema. É evidente que o que está em causa é mais que um certo estilo, é uma preocupação dominante em recorrer à experiência cristã, a observação profunda dos intercâmbios incessantes entre essa experiência e a confissão de fé. (VAZ, 2005) IN; Jean-Pierre JOSSUA e Johann Baptist METZ. Editorial. Teologia e Literatura in Concilium 115, 5 (1976) 2-5.

Dá-se a entender que em se falando desta aproximação entre teologia e literatura que a experiência cristã deveria ser considerada ao se fazer reflexões teológicas. Os pensamentos religiosos, portanto, não deveriam ser divorciados da comunidade enquanto produtora de religiosas em seus feitos, sejam literários ou artísticos.

¹² Vaz, Henrique Cláudio de Lima: Jean-Pierre JOSSUA e Johann Baptist METZ. Editorial. Teologia e Literatura in Concilium 115, 5 (1976) 2-5.

DIALÉTICA TEOLOGIA E EXPERIÊNCIA CRISTÃ

A grande questão que paira sobre o assunto é: até que ponto pode a literatura ser relevante para a contribuição significativa à teologia?

Vaz dá a seguinte resposta ao citar Jean-Pierre Jossua:

Nessa intervenção de Jean-Pierre Jossua, aparece uma distinção capital para todo o debate: uma coisa é o poder criador de linguagem religiosa por parte da literatura, outra é a capacidade teológica dessa mesma literatura. Só se pode falar em teologia, na medida em que, a partir de um horizonte de fé, se instaurar o exercício da crítica sobre a linguagem religiosa, tanto em relação à forma quanto ao conteúdo. O discernimento crítico é um elemento absolutamente necessário do fazer teológico. (Vaz, 2005)¹³

Segundo esta reflexão então não só o autor como também o leitor são responsáveis pela interação do fazer teologia a partir da interpretação do texto lido.

Este “horizonte de fé” comentado por Vaz seria a capacidade de ambos; escritor e leitor de fundirem-se no pensamento religioso. Assim estaria estabelecida a comunicação espiritual.

Contribuindo com este pressuposto do “horizonte de fé” Vaz cita

¹³ http://www.geocities.com/ail_br/entresagradoeoprofano.html: 06/03/2008 16:15

"A teologia teria a função não só de refletir sobre os 'lugares' tradicionais, mas também de refletir a experiência vivida atual, dar-lhe expressão e torná-la inteligível. Daí se estabelecer uma relação entre a teologia e a literatura, enquanto esta é antes de tudo a expressão de uma experiência vivida, mesmo que seja através do imaginário. Se o teológico encontra um lugar privilegiado nesta experiência, não representa então a literatura, por sua vez, um lugar teológico essencial enquanto está mais capacitada que a teologia dialética a exprimir a experiência cristã?"(VAZ, 2005)¹⁴

Levando em consideração estes dados podemos afirmar que ainda estamos iniciando os primeiros passos neste tema. Neste mesmo site encontramos a informação de que, recentemente no Brasil, em 2007 foi fundada no Rio de Janeiro a Alalite, Associação Latino Americana de Literatura e Teologia, onde foram agregando vários pesquisadores de diversos países da América Latina. Isto demonstra que há um interesse crescente em torno este tema.

A grande questão que se levanta é: pode haver alguma aproximação entre teologia e literatura? Aparentemente parece que a resposta seria, não, já que a teologia roga para mim o direito exclusivo de tratar de questões sobre a fé. Já a literatura é cunhada como algo secular, que tem mais a ver com a vida dos homens do que as realidades espirituais.

Entretanto, esta visão simplista não é verdadeira, já que a literatura como cultura e arte, sempre sai na dianteira nas manifestações religiosas. Enquanto os teólogos estão debatendo temas sobre aspectos religiosos, a arte e a cultura de um modo geral saem na frente num cabedal de produções: pinturas, esculturas, poemas, romances etc.

Sendo assim, podemos falar sim de uma aproximação entre estas duas matérias, já que ambas são produzidas pelo mesmo homem, que, a procura de discutir o sagrada utiliza-se de vários mecanismos, sejam em bulas, dogmas, doutrinas, ou mesmo através das mais diversificadas manifestações.

¹⁴ http://www.geocities.com/ail_br/entresagradoeoprofano.html: 06/03/2008 16:15

O dicionário de termos literários na edição e organização de Carlos Ceia, José Carlos Barcellos diz:

As relações entre a teologia e a literatura são muito complexas e diversificadas e só recentemente têm sido objeto de uma reflexão sistemática. No Ocidente, desde a consolidação da escolástica nos sécs. XII e XIII - com teólogos do porte de Santo Alberto Magno, São Tomás de Aquino ou São Boaventura – até o séc. XX, a teologia acadêmica quase sempre ignorou completamente a existência e a importância da literatura, não obstante a evidente relevância das questões teológicas nas obras de autores como Dante, Gil Vicente, Camões, Calderón, Milton, Hopkins, Antero de Quental ou Dostoiévski, por um lado e, por outro, o freqüente recurso à linguagem poética por parte de alguns dos mais insignes místicos cristãos, como são João da Cruz ou Santa Teresa de Ávila, ou ainda a manifesta qualidade literária dos textos de oradores sacros como Vieira ou Bossuet. (BARCELLOS)¹⁵

TEOLOGIA , O HOMEM E SUA LITERATURA

Apesar da Teologia como fonte de estudo ser definida comumente como “o estudo de Deus”, e ela não pode perder de vista jamais o homem e seu mundo. Se isto não for aplicado então a Teologia perde, de imediato, o sentido de existir, já que teologia é o esforço humano de tentar compreender o transcendente. Assim como as outras ciências, a teologia nunca pode ser considerada infalível e inerrante, visto que é produzida por seres humanas, e como tal, suscetível também a erros. Se não fosse assim então não haveria tantas diversidades teológicas no mundo.

Como fruto então da mente humana, a Teologia deve falar do sagrado sem perder de vista o homem e suas representações. A Literatura, como parte da cultura e arte, é uma das mais significativas representação do pensamento

¹⁵ [Http://www.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/T/teologia_literatura.htm](http://www.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/T/teologia_literatura.htm) 25/03/2008 12:15

humano. Assim toda e qualquer obra literária, mesmo aquelas literaturas fantásticas ou ficcional, de algum modo tem a ver com a condição humana e não deve ser desprezada.

Com relação a isto afirmou com clareza Antonio Manzatto, um dos pioneiros na questão da Teologia e Literatura no Brasil.

Pela ficção ou poesia, a literatura põe em cena o homem vivo, com suas questões, seus sonhos, seus problemas e seus sentimentos em face do mundo da natureza, em face dos outros homem e diante de si mesmo. Ela interessa-se por tudo o que é humano, de tal modo que se pode dizer que a literatura é tão grande quanto o humano. Diversas ciências aproveitaram-se disso ao longo dos séculos e debruçaram-se sobre a literatura para desenvolver seus estudos e chegar a uma melhor compreensão do homem (MANZATTO, 1994, p.63)

Para Manzatto o grande centro catalisador de toda produção humana é o homem e suas relações, que pode ser consigo mesmo, com o próximo ou mesmo diante do transcendente.

Na verdade a grande discussão então gira em torno do velho problema entre o sagrado e o profano, entre o religioso e o secular. Apesar de esta tensão ser real no imaginário da humanidade, não há como deixar de dizer que elas podem coexistir sem que haja prejuízo em nenhuma delas, se é que podemos fazer uma separação tão nítida entre uma e outra. Onde está a divisão de uma e outra? Onde começa uma e termina a outra? Não há em todo o universo qualquer tipo de religiosidade que descarte elementos da criação, já que as coisas que vemos e sentimos podem servir de “ponte” para o transcendente.

Os vários tipos de obras literárias (religiosas, místicas, auto-afirmativas etc) nasceram na tentativa de buscar um melhor percepção sobre a realidade que circunda a vida. Porém, uma das características que o crítico americano levanta para

compreender as literaturas sapienciais, é a de independência de diversas motivações interpretativas estancias a si, considerando que as literaturas já são portadoras de referenciais de sentido que podem ser reverenciadas a partir de suas próprias forças estética e cognitiva. Por isso, longe de permanecer indistintas no circuito literário comumente difundido no mercado editorial, a literatura sapiencial preconiza um conhecimento que rejeita e se distancia propositalmente do óbvio. Antes de almejar e provocar sensações de conforto ou quaisquer outras de bem estar, as literaturas sapienciais ensinam aceitar os limites do real e a sucumbir ao desencantamento sobre a significação do que é comumente partilhado sobre a faticidade humana. (MANZATTO, 1994, 65)

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:

INTERTEXTUALIDADE

A Bíblia, por seu valor religioso, moral, filosófico, histórico, simbólico e em grande parte, poético, tem-se constituído uma das principais leituras da comunidade judaico-cristã, uma das mais decisivas mentoras da civilização ocidental e uma das mais poderosas influências do pensamento de estudiosos e escritores dessa civilização. À Bíblia recorrem crentes e ímpios, os interessados na mensagem divina ou no saber humano.

(Linhares Filho)

Como já foi mencionado, Machado de Assis faz uso recorrente de várias fontes literárias para compor os seus trabalhos.

Este processo em que um texto remeter a outro texto é chamado de Intertextualidade ou Dialogismo.

Mesmo que ainda a Intertextualidade seja uma matéria recente no mundo acadêmico, o seu sentido pode ser percebido em todo tipo de literatura desde as mais antigas até as mais atuais.

Quase sempre podemos ver em uma determinada obra traços de influências de outros autores denominadas pelos teóricos de “outras vozes”. Este processo nem sempre é fácil de ser percebido ou é automaticamente diagnosticado. Para este processo ocorrer é preciso que haja um vasto conhecimento de mundo por parte do leitor.

A palavra *intertextualidade*, expressa em si mesma a sua definição; significa a relação existente entre textos que dialogam-se. Sendo então um diálogo podemos afirmar que este fenômeno sempre ocorreu na história da humanidade, já que a comunicação humana sempre é apoiada em discursos anteriores, seja num discurso textual (registro) ou oral. Portanto não há como

considerar qualquer texto que seja completamente autônomo, puro, visto que se apóia sempre em outros discursos. Assim, não há nenhum texto da produção humana que ganhe a sua autonomia ou exclusividade, visto que a produção de texto é uma atividade humana baseada em suas experiências e influências. O texto, como objeto cultural tem sua existência no tempo e no espaço, portanto tem os seus limites naturais.

A *intertextualidade* como matéria veio a lume pela Teoria da Literatura, mais precisamente por Julia Kristeva em 1996, que por sua vez foi influenciada por Mikail Bakhtin em sua noção de dialogicidade desenvolvido em seu livro *Estética da Palavra*.

Intertextualidade: Na crítica cultural, utiliza-se o termo, sobretudo, no sentido desenvolvido por Julia Kristeva a partir da noção de 'dialogismo' de Bakhtin, mencionando-se também a contribuição de Roland Barthes. Na concepção de Kristeva e Barthes, o conceito de 'intertextualidade' pretende destacar o fato de que um texto nunca é a expressão de um significado autorial singular nem tem um significado que se origina e se fecha naquele texto particular, de forma isolada, mas só pode ser compreendido na sua relação com uma variedade de outros textos. O conceito de 'intertextualidade' restitui ao texto seu sentido etimológico de trama, de tecido (SILVA, Tomaz T., 2000. p. 72).

Para M. Bakhtin o texto esta sempre em constante *diálogo* com a tradição e com algum aspecto da sociedade humana.

Neste sentido, nada é gratuito em texto. Em se falando de Machado de Assis, temos, em seus textos vários aspectos da vida humana em diálogo. A obra literária é muito mais do que simplesmente contar artisticamente um poema, conto romance etc. O autor transmite muito mais. Podemos conhecer, por exemplo, usos e costumes de uma época, a geográfica de certa localidade, o estado emocional dos personagens e assim por diante.

A colaboração de Julia Kristeva está na ampliação deste conceito bakhtiniano à partir de uma particularidade do dialogismo: a Sátira, e aplica este conceito em toda a literatura.

Por fim Julia Kristeva põe fim ao conceito de que uma obra é inédita provinda de ser extremamente inédito. Toda autor é visto, por meio da *intertextualidade* como alguém que se apóia no discurso de outros, e que assim sendo, passa a ser alguém devedor a outros autores que, de certa forma, colaboraram com a produção literária. Este conceito, de maneira nenhuma vem diminuir a importância ou genialidade de determinados autores, pelo contrário, vem afirmar que eles conseguiram transformar o discurso de outros em seu próprio discurso, colocando neles elementos pessoais.

Sobre a idéia de intertextualidade Fiorin, lendo Julia Kristeva fala desta coexistência mútua entre a voz do autor e outros autores no texto da seguinte maneira:

A noção de dialogismo - escrita em que se lê o outro, o discurso do outro - remete a outra, explicitada por Kristeva (1969) ao sugerir que Bakhtin, ao falar de duas vozes coexistindo num texto, isto é, de um texto como atração e rejeição, resgate e repelência de outros textos, teria apresentado a idéia de intertextualidade. (BARROS; FIORIN, 1999, p. 50).

Esta relação mútua de autores dialogando no mesmo texto faz com que o texto seja enriquecido pela multiplicação de vozes.

A intertextualidade não pode ser, grosso modo, reduzida apenas ao fato de alguém mencionar algum outro autor.

Um termo equivalente a Intertextualidade (KRISTEVA) ou dialogismo (BAKTIN) pode ser encontrada também com o termo de Antropofagia. Stam assim define o termo:

A noção de “antropofagia” simplesmente reconhece a inevitabilidade da intertextualidade, para usar o termo de Kristeva, ou do “dialogismo”, para usar o de Bakhtin. O artista de uma cultura dominada não pode ignorar a presença estrangeira; é preciso que dialogue com ela, que a engula e a recicle de acordo com objetivos nacionais. (STAM, 2000, p. 55).

Esta observação apresentado por Stam pode ser claramente percebido nas obras de Machado de Assis, onde se vê a presença forte do estrangeirismo, mas que Machado transportado com maestria para a realidade brasileira. O público machadiano é brasileiro, de classe dominante e de certa cultura, por isto fica evidente o propósito em mencionar outros autores em sua obra.

KOCH e TRAVAGLIA, na obra *Texto e Coerência* relacionam alguns tipos de intertextualidade que são:

1. A intertextualidade que se liga pelo conteúdo: (por exemplo, matérias jornalísticas que se reportam a notícias veiculadas anteriormente na imprensa falada e/ou escrita: textos literários ou não-literários que se referem a temas ou assuntos contidos em outros textos etc.). Podem se explícitas (citações entre aspas, com ou sem indicação da fonte) ou implícitas (paráfrases, paródias etc.)
2. A intertextualidade que se liga pela formalidade: como, por exemplo, textos que “imitam” a linguagem bíblica, jurídica, linguagem de relatório etc. ou que procuram imitar o estilo de um autor.
3. A intertextualidade que se liga pelos tipos textuais: ligados a modelos cognitivos globais, às estruturas e superestruturas ou a aspectos formais de caráter lingüístico próprios de cada tipo de discurso e/ou a cada tipo de texto: tipologias ligadas a estilos de época¹⁶.

¹⁶(cf. KOCH & TRAVAGLIA. *Texto e coerência*. São Paulo, Cortez, 1989. pp.88-92)

Enquanto a primeira parte do esquema acima fala do conteúdo de uma obra, quanto a sua intertextualidade os outros dois falam quanto a sua forma. É interessante observar que na obra em particular *Esaú e Jacó* a forma também deve ser levada em consideração. O estilo autoritário dos discursos, principalmente aqueles em que são mencionados os aspectos religiosos, é marcado por um estilo formal onde o sagrado não pode ser questionado com facilidade.

Fiorin diz que há pelo menos três maneiras de identificar o processo de intertextualidade.

A intertextualidade é o processo de incorporação de um texto em outro, seja para reproduzir o sentido incorporado, seja para transformá-lo. Há de haver três processos de intertextualidade: a citação, a alusão e a estilização (FIORIN, p. 30).

Estes três processos podem ser claramente identificados nas obras de Machado de Assis, inclusive quando ele se refere aos textos bíblicos.

As citações encontradas na grande maioria da produção de textual são realizadas para sustentar uma hipótese, reforçar um argumento, desenvolver um raciocínio ou para apontar uma autoridade no assunto.

Segundo o mesmo Fiorin, a citação emprega-se para reforçar, refutar, ou mesmo mudar aquilo que foi dito pelo autor original.

Em *Esaú e Jacó*, Machado recorre várias vezes à citação de modo a modificar o texto original. No capítulo “LXXXI – Ai, duas almas”, falando sobre a atitude de Santos:

“Talvez o velho Plácido deslindasse o problema em cinco minutos. Mas para isso era preciso evocá-lo, e o discípulo Santos cuidava agora de umas liquidações últimas e lucrativas. Não só de fé vive o homem, mas também de pão e seus compostos e similares”. (Aguillar, p. 1089)

“Não só de fé vive o homem, mas também de pão e seus compostos e similares”, é a forma intencional que Machado utiliza para que o texto original encontrado na Bíblia:

“Recordar-te-ás de todo o caminho pelo qual o SENHOR, teu Deus, te guiou no deserto estes quarenta anos, para te humilhar, para te provar, para saber o que estava no teu coração, se guardarias ou não os seus mandamentos. Ele te humilhou, e te eixou ter fome, e te sustentou com o maná, que tu não conhecias, nem teus pais o conheciam, para te dar a entender que não só de pão viverá o homem, mas de tudo o que procede da boca do SENHOR viverá o homem.”(Bíblia de Genebra , p. 211) (grifo meu)

Este mesmo texto encontrado em Deuteronômio pode ser encontrado também no diálogo de Jesus com o Diabo na sua tentação:

“Jesus, cheio do Espírito Santo, voltou do Jordão e foi guiado pelo mesmo Espírito, no deserto, durante quarenta dias, sendo tentado pelo diabo. Nada comeu naqueles dias, a fim dos quais teve fome. Disse-lhe, então o diabo: Se és o Filho de Deus, manda que esta pedra se transforme em pão. Mas Jesus lhe respondeu: Está escrito: Não só de pão viverá o homem”. (Bíblia p. 1187) (grifo meu)

Vê-se claramente que a intenção de Machado foi usar o texto bíblico mudando o seu sentido até mesmo na ordem colocada.

Machado extrai o texto da Bíblia e o recria em sua obra. Santos, personagem de Machado, não tem muito tempo para tratar destas coisas, mesmo que ele tenha que recorrer ao seu amigo Plácido. Sua prioridade é com suas atividade lucrativas, quanto àquela situação conflitante de Flora na

indecisão da escolha entre Pedro e Paulo era coisa de menor importância para Santos, que via no lucro sua maior preocupação. Então o texto foi modificado e adaptado ao personagem Santos que não tinha tempo para estas questões. Para Santos primeiro vinha o lucro “nem só de fé vive o homem” depois, ainda o lucro “mas também de pão seus compostos e similares”. Santos estava tão absorvido pela idéia do lucro que não pensava nem mesmo na idéia de chamar alguém valia a pena. Aqui Machado brinca com as idéias do texto, contrapondo, modificando e subvertendo o texto original.

O enunciado, quando permeado por pontos de vista, apreciações e outras entonações, vai “fundindo-se com uns, isolando-se de outros, cruzando com terceiros; e tudo isso pode formar substancialmente o discurso” (BAKHTIN, 1998, p. 86). De acordo com o estudioso, não há discurso puro; todo enunciado já foi alterado pela presença de outros anteriores.

O gênero sempre é e não é o mesmo, sempre é novo e velho ao mesmo tempo. O gênero renasce e se renova em cada etapa do desenvolvimento da literatura e em cada obra individual de um dado gênero. (BAKHTIN, p. 106)

Como diz Barthes:

"Qualquer texto é um novo tecido de citações passadas. Pedacos de código, modelos rítmicos, fragmentos de linguagens sociais, etc, passam através do texto e são redistribuídos dentro dele visto que sempre existe linguagem antes e em torno do texto" (Barthes, 1987, pág. 49).

Assim, nas mãos de Machado o texto se renova, mesmo que não seja o original, ele se torna algo novo nas mãos do autor que a utilizou.

Uma outra passagem em que Machado usa da citação no capítulo LI – Aqui presente:

“Era talvez excesso de pudor. Há muito excesso nesse sentido, e o acertado é perdoá-lo. Há também excessos contrários, condescendências fáceis, pessoas que entram com prazer na troca de alusões picantes. Também se devem perdoar. Em suma, o perdão chega ao Céu. Perdoai-vos uns aos outros, é a lei do Evangelho” (Aguilar, p.) (grifo meu)

Machado cita a Bíblia de maneira sóbria e natural. A cena desenrola-se no momento em que Pedro chega em casa junto com Batista e Flora. Batista diz que estava entregando o filho à família. Santos, o pai de Pedro, brinca dizendo que idade ele tinha para chegar sozinho, mesmo que se perdesse. A mãe, Natividade, protetora, não gostou nada da colocação do marido. O narrador diz que talvez fosse excesso por parte de Natividade. O narrador continua em seu pensamento dizendo que existe excessos em muitas coisas, até ao extremo e que mesmo assim deve-se perdoar e o argumento para o perdão vem da própria Bíblia.

Neste caso, para validar o discurso do perdão se lança mão de uma autoridade, que no caso é a Bíblia Sagrada.

Diz Maingueneau (1989), que quando se busca especificar a noção de interdiscurso, faz-se necessário recorrer a três conceitos complementares, a saber:

. universo do discurso - compreendendo o conjunto de formações discursivas de todos os tipos de discurso que interagem numa dada conjuntura. Em sendo esse conjunto bastante amplo, afirma o autor que ele jamais poderá ser concebido na sua globalidade; por conseguinte, a utilização da noção de universo de discurso só se presta para definir campos discursivos;

. campos discursivos - compreendendo um conjuntos de formações discursivas que se encontram em relação de concorrência em uma dada região do universo discursivo;

. espaço discursivo - compreendendo a delimitação de subconjunto(s) do campo discursivo , estabelecendo relações cruciais entre, pelo menos, duas formações discursivas.

“um fenômeno constitutivo da produção do sentido pode-se dar entre textos expressos por diferentes linguagens” (Silva, 2002).

Segundo esta análise todo e qualquer texto, seja verbal ou não-verbal é baseado em discurso anteriores. Então não, segundo esta constatação, um texto puro, desprovido de qualquer influência anterior.

Parafrasear consiste em transcrever, com novas palavras, as idéias centrais de um texto. O leitor deverá fazer uma leitura cuidadosa e atenta e, a partir daí, reafirmar e/ou esclarecer o tema central do texto apresentado, acrescentando aspectos relevantes de uma opinião pessoal ou acercando-se de críticas bem fundamentadas. Portanto a paráfrase repousa sobre o texto-base, condensando-o de maneira direta e imperativa. Consiste em um excelente exercício de redação, uma vez que desenvolve o poder de síntese, clareza e precisão vocabular. Acrescenta-se o fato de possibilitar um diálogo intertextual, recurso muito utilizado para efeito estético na literatura moderna. Em que a paráfrase mantém o sentido do texto original

CAPÍTULO III

Visto haver um número considerável de referências bíblicas na obra em questão, selecionam-se quatro textos, extraídos do Quadro Comparativo, que constam no primeiro capítulo, os quais serão objetos de análise neste trabalho.

Quanto aos textos, procuram-se levar em consideração aquelas intertextualidades bíblicas mais significativas da obra. Far-se-á neste capítulo, comentários não só da obra *Esaú e Jacó*, mas também da Bíblia, com o objetivo de ver quais são as aproximações e os distanciamentos entre os textos machadianos e os textos das Escrituras Sagradas.

Levam-se em consideração os referências teóricos mencionados no capítulo anterior, bem como os conceitos tirados da Análise do Discurso e da Teologia¹⁷.

A questão religiosa

Tanto os aspectos sociais como os religiosos são encontrados em abundância em *Esaú e Jacó*. Quanto à questão religiosa é preciso lembrar que no período da obra em questão o governo passava por uma crise profunda não só nas questões políticas e militares, mas também no campo religioso.

A crise no campo religioso ficou conhecida como *Questão Religiosa*¹⁸, que foram marcas profundas das últimas duas décadas da monarquia, principalmente quando estourou a guerra do Paraguai. A coroa ficou em grande dificuldade. O centro da questão religiosa girou em torno dos poderes temporais e espirituais no Brasil. Vê-se aí houve grandes questionamento à igreja daqueles dias. A força maçônica ganhou vários adeptos tanto da coroa quanto do povo. Regente Feijó fizera forte oposição ao celibato sacerdotal, o que causou grande luta contra Roma. O envolvimento do Imperador nas controvérsias políticas e religiosas trouxe enfraquecimento do poder real. A

¹⁷ Quanto a este último aspecto, a Teologia, procura-se, na medida do possível, faz uso da Teologia Reformada, visto ser o quadro de referência do autor desta dissertação.

¹⁸ Para maiores detalhes sobre esta questão veja: Scantimburgo, João de. Tratado geral do Brasil, São Paulo, Pioneira, 2ª. Edição, 1978

abolição da escravatura foi outro tema que contribuiu para aumentar a discussão religiosa e enfraquecer ainda mais o trono.

O historiador Scantimburgo assim registrou sobre este momento histórico:

Se D. Pedro I se fizera maçom para melhor participar da conspiração de que resultou a Independência, e o fez a fim de preservar a unidade nacional e seu direito à criação do novo Estado, D. Pedro II conservava-se fiel e submissa ovelha do rebanho de Cristo na Santa Madre Católica, Apostólica, Romana. Mas sua fé sua inegável solidariedade com Roma, não bastaram para impedir as tensões que, a longo prazo, iriam extravasar sobre as instituições políticas, envenenando-as até a terrível crise que agitou os últimos tempos da monarquia. (SCANTIMBURGO, 1978. p. 72).

Diante desse pano de fundo se dá a atmosfera religiosa nos dias de Machado de Assis. A religião não era apenas uma das áreas a ser considerada pelo regime, mas uma das causadoras das transformações sociais de sua época.

CAPÍTULO III

ANÁLISE COMPARATIVA DOS

TEXTOS BÍBLICOS EM *ESAÚ E JACÓ*

Esaú e Jacó

Bíblia

<p>Viu um mendigo que lhe estendia o chapéu roto e sebento, meteu vagorosamente a mão no bolso do colete, também roto, e aventou uma moedinha de cobre que deitou ao chapéu do mendigo, rápido, às escondidas, como quer o Evangelho.</p> <p>CAPÍTULO III / A ESMOLA DA FELICIDADE</p>	<p>Mateus 6:1-4 Guardai-vos de exercer a vossa justiça diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles; doutra sorte, não tereis galardão junto de vosso Pai celeste. Quando, pois, deres esmola, não toques trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas, nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa. Tu, porém, ao dares a esmola, ignore a tua mão esquerda o que faz a tua mão direita; para que a tua esmola fique em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará.</p>
---	---

Neste capítulo “A esmola da felicidade”, encontra-se um dos aspectos importante no estilo machadiano, a bipolaridade. Neste caso; a riqueza e a pobreza se encontram. Os extremos ganham um novo colorido na pena de Machado.

Propositalmente há esta sobreposição da condição humana, que pode ser percebida aqui e em muitas outras obras machadianas.

É neste sentido que qualquer aspecto da literatura universal interessa ao campo da Teologia. Os conflitos humanos, seus desenvolvimentos e suas soluções são objetos de investigação também da Teologia, enquanto ciência humana e divina. Ao narrar a riqueza em confronto com a pobreza vê-se que Machado faz muito mais do que uma obra de entretenimento. Ele está confrontando algo tão real, visível que se torna plausível de análise. Várias áreas do conhecimento humano podem ser estudadas nesta questão. A Sociologia, a Psicologia, Antropologia, História, Geopolítica e Teologia são

alguns dos exemplos. Para a Teologia, que é a questão neste momento, percebe-se que são retratadas pessoas comuns, com conflitos comuns, mesmo que sejam revestidos de questões espirituais, do qual todos os seres humanos ficam inquietos. Apesar de ser um romance ficcional o paralelo entre o imaginário e o real é logo percebido. Vê-se que Machado se preocupa em retratar a realidade de seus dias, mesmo que para isso use o recurso da imaginação para alcançar o seu objetivo. Talvez o efeito não fosse o mesmo se ele falasse do seu tempo sem usar os recursos literários. Se fosse apenas uma descrição dos conflitos, ainda que bem escrito, teria o seu valor certamente. Mas ao usar o recurso imaginário do romance as palavras e frases ganham vida própria.

O uso da ironia é bastante comum em Machado, mesmo em se tratando de um assunto tão sério quanto aqueles apresentados neste romance. O autor chega à beira do deboche, mesmo em se tratando de assuntos religiosos. Não que houvesse interesse autor em menosprezar qualquer religião, mas seu interesse é desmascarar a dissimulação humana.

Natividade e Perpétua, duas irmãs, depois da consulta espiritual feita no Morro do Castelo, ao descerem alegremente se deparam com alguém pedindo esmolas. Este lugar é mencionado como sendo a rua da “Misericórdia”, nome este não posto por acaso no romance. Sem demora Natividade entrega uma nota de dois mil réis aos *irmãos das almas*, quantia significativa, dinheiro este que servia para costear as missas das pessoas pobres. Sua irmã, Perpétua, que a acompanhava chamou-lhe a atenção, pensando que se tratava de um engano ao ver que ela dera aquela quantia elevada, mas não era. Aquela esmola estava destinada à missa como sinal de sua alegria por entender que tinha recebido uma boa notícia em sua consulta com a Cabocla do Morro do Castelo.

Eis o agradecido costumeiro do homem que recebe a oferta de Natividade:

- Deus lhe acrescente minha senhora devota!... Deus lhe dê todas as felicidades do céu e da terra, e as almas do purgatório

peçam a Maria Santíssima que recomende a senhora dona a seu bendito filho! (OBRAS COMPLETAS, 1997, pg. 1023)

Após este evento, o irmão das almas sobe à rua São José, indo pensativo quanto àquela quantia colocada como oferta, foi em direção à igreja para lá depositar a oferta, mas não entregou os dois mil reis para a missa das almas, na justificativa que ele também tinha alma, e aquele oferta tinha o propósito de ser dada a ele.

Vê-se, neste ponto algo que é comum em Machado seu humor misturado com ironia.

A passagem ganha mais intensidade quando este homem sai da igreja com os dois mil reis e se encontra com um mendigo à porta da igreja que estendia seu chapéu pedindo esmola. Logo o irmão deita apenas dois vinténs, ficando ele ainda com mil novecentos e sessenta reis e ouve palavras de agradecimento parecidas com as suas: “- Deus lhe acrescente, meu senhor, e lhe dê...”, terminando o capítulo com estas reticências.

Este é o contexto da passagem. Uma pessoa rica dá alegremente uma esmola de valor expressivo à *missa das almas*, enquanto que, este dinheiro é flagrantemente desviado.

Constata-se que esta passagem do romance é carregada de ironia, ao mesmo tempo em que é marcada também por uma ambientação religiosa. Entretanto esta situação não é artisticamente inventada, mas é retirada do cotidiano.

Machado retrata aqui o lado obscuro do homem como bem expressou no seu conto Mariana “Não há decepções possíveis para um viajante, que apenas vê de passagem o lado belo da natureza humana e não ganha tempo de conhecer-lhe o lado feio. (Obras Completas, v. 3., p. 151 - Mariana)

E ainda em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* afirma Machado na boca de seu personagem:

Na vida, o olhar da opinião, o contraste dos interesses, a luta das cobiças obrigam a gente a calar os trapos velhos, a disfarçar os rasgões e os remendos, a não estender ao mundo as revelações que faz à consciência e o melhor da obrigação é quando, à força de embaçar os outros, embaça-se um homem a si mesmo, porque em tal caso poupa-se o vexame, que é uma sensação penosa, e a hipocrisia, que é um vício hediondo. (ASSIS, 1978, p. 54)

Percebe-se na passagem uma intertextualidade direta, se bem que todo o contexto remete ao religioso: Igreja; porta da sacristia; missa; oferta e esmola. A passagem em destaque: “deitou ao chapéu do mendigo, rápido, às escondidas, como quer o Evangelho” remete diretamente ao texto das Escrituras Sagradas em Mateus 6.1-4 do qual o assunto é diretamente um alerta sobre a hipocrisia humana.

A *Bíblia de Genebra*, publicada em 1560, contém notas marginais baseadas em princípios reformados, comenta esta passagem em questão:

6.2 hipócritas. No Novo Testamento, o hipócrita é aquele que alega ter um relacionamento com Deus e amar a justiça, mas que está buscando seu próprio interesse, enganando-se a si mesmo. Os hipócritas denunciados no cap. 23 não tinham consciência de sua própria hipocrisia. (Bíblia de Genebra, 1999. p. 1108)

Este comentário coaduna-se com o espírito de Machado de Assis nesta passagem. Uma grande quantia foi dada em favor da *missa das almas*, entretanto, a pessoa que recebeu o dinheiro, apesar de ter ido até a igreja com o fim de entregá-lo, não entregou, ficando para si, alegando que também tinha alma e que, o dinheiro então deveria ser usado por ele. Ao sair, vendo um mendigo a pedir-lhe esmola dá uma pequena quantia e ainda se lembra de dar à maneira bíblica, como se isto fosse compensar o seu ato litigioso.

Ao que tudo indica Machado não era muito otimista quanto à natureza humana. Em uma das frases conhecida, referendo-se a um de seus

personagens, o descreve assim: “Não se sentia feliz nem infeliz, mas nesse estado médio, que é a condição vulgar da vida humana. (Assis, 1998, p.62).

Machado faz questão de mostrar as mazelas humanas em seus personagens. Esta demonstração vai além do comportamento externo, constantemente vê-se o autor onisciente invadindo a mente e os sentimentos dos personagens revelando assim o que se passa interiormente.

Fazer uma leitura de um personagem em Machado é fazer uma leitura da humanidade e sua condição neste mundo.

Ele, Machado, não vai além daquilo que acontece naturalmente na vida humana. Ele não cria, mas retrata com fidelidade o que ocorre na sociedade, mesmo que isto seja velado aos olhos.

Sobre esta questão falou Calvino, reformador do século XVI:

... uma vez que nós somos naturalmente inclinados à hipocrisia, em vez de contentar-nos com a verdade, ficamos muito satisfeitos com uma vã aparência de justiça. (CALVINO, 2002 p. 54)

Apesar de o personagem ter feito uma caridade ao mendigo, mostrando piedade e religiosidade, deixou de entregar momentos antes uma grande soma de dinheiro que não lhe pertencia.

A intertextualidade que faz uma alusão à Bíblia, portanto ao sagrado, é flagrada com uma decepção por parte do leitor. Este é o propósito e efeito esperado por Machado ao escrever esta passagem em seu romance. Mesmo as verdades da Bíblia são dissimuladas pelo homem.

Esau e Jacó

Bíblia

O doutor foi à estante e tirou uma Bíblia, encadernada em couro, com grandes fechos de metal. Abriu a Epistola de S. Paulo aos Gálatas, e leu a passagem do capítulo II,	Gálatas 2:11-21 Quando, porém, Cefas veio a Antioquia, resisti-lhe face a face, porque se tornara repreensível. Com efeito, antes de chegarem alguns da parte de Tiago,
--	--

<p>versículo 11, em que o apóstolo conta que, indo a Antioquia, onde estava S. Pedro, "resistiu-lhe na cara".</p> <p>CAPÍTULO XV / TESTE DAVID CUM SIBYLLA</p>	<p>comia com os gentios; quando, porém, chegaram, afastou-se e, por fim, veio a apartar-se, temendo os da circuncisão. E também os demais judeus dissimularam com ele, a ponto de o próprio Barnabé ter-se deixado levar pela dissimulação deles. Quando, porém, vi que não procediam corretamente segundo a verdade do evangelho, disse a Cefas, na presença de todos: se, sendo tu judeu, vives como gentio e não como judeu, por que obrigas os gentios a viverem como judeus? Nós, judeus por natureza e não pecadores dentre os gentios, sabendo, contudo, que o homem não é justificado por obras da lei, e sim mediante a fé em Cristo Jesus, também temos crido em Cristo Jesus, para que fôssemos justificados pela fé em Cristo e não por obras da lei, pois, por obras da lei, ninguém será justificado. Mas se, procurando ser justificados em Cristo, fomos nós mesmos também achados pecadores, dar-se-á o caso de ser Cristo ministro do pecado? Certo que não! ¹⁸ Porque, se torno a edificar aquilo que destruí, a mim mesmo me constituo transgressor. Porque eu, mediante a própria lei, morri para a lei, a fim de viver para Deus. Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim. Não anulo a graça de Deus; pois, se a justiça é mediante a lei, segue-se que morreu Cristo em vão.</p>
---	--

Esta passagem de *Esaú e Jacó* demonstra com clareza uma referência bíblica. Confirmando o pressuposto de que Machado não só conhecia bem as Escrituras Sagradas, mas sabia manuseá-la com maestria.

Os personagens centrais do romance, os gêmeos Paulo de Pedro, são agora alvo da especulação. Procurara-se saber o porquê de tantas desavenças entre os dois, que não combinavam em nada, exceto no amor por Flora.

O conselheiro Aires, diplomata, é muito mais do que um amigo da família, era alguém que os ajuda com seus sábios conselhos.

Depois de falarem sobre o caso da briga ainda no ventre dos dois gêmeos do Antigo Testamento: Esaú Jacó, outro exemplo que suscita no romance é a briga dos dois Apóstolos do Novo Testamento, Pedro e Paulo, nomes estes dados também aos personagens do livro de Machado em homenagem aos personagens bíblicos.

Neste caso o mestre Plácido, espírita, é procurado por Santos, pai dos gêmeos para falar de sua inquietação sobre as constantes desavenças dos filhos.

Depois de ouvir atentamente a narrativa do nascimento dos dois filhos. Plácido toma uma Bíblia e lê a passagem em que Paulo, indo a Antioquia, encontra-se com Pedro e “resisti-lhe face a face, porque se tornara repreensível” (Bíblia de Genebra, p. 1391).

Esta passagem suscita então o suposto motivo para que os filhos de Santos estivessem brigando, dando uma ligeira idéia de ambos ser, então, reencarnação dos Apóstolos.

Além dessas aproximações, entre a vida dos personagens Pedro e Paulo com a Bíblia, outras incursões são percebidas no texto. O fato de mencionar os versículos e capítulos da Bíblia, fazendo um paralelo também de aproximação e oposição.

Segundo o mestre Plácido, o capítulo dois representa os dois gêmeos e o capítulo onze do versículo estaria representando dois Algarismos iguais 1 e 1, número gêmeo. Conclui Plácido a Santos: “... não seriam os dois meninos os próprios espíritos de São Paulo e Pedro, que renasciam agora, e ele, pai dos apóstolos?”

Cria-se assim então uma nova perspectiva. Santos guardou isto consigo mesmo. Não queria confrontar sua esposa com estas idéias espíritas, já que ela era católica fervorosa, mas confiava nas palavras da cabocla advinha.

Vê-se que o romance de Machado de Assis é carregado de religiosidade, apesar de ser considerado um romance de estilo de época com fundo político acentuado.

A passagem bíblica mencionada no romance é um relato de Paulo à igreja que se encontrava na Galácia. Esta carta foi escrita para alertar quanto a um problema sério que estava ocorrendo naquela igreja cristã. Aqueles crentes foram seduzidos pela idéia de que podiam receber a salvação por obras, ou méritos.

A Bíblia de Genebra assim caracteriza esta carta:

A carta aos Gálatas permanece como sentinela da verdade de que a salvação é uma dádiva da graça de Deus, que não é ganha nem é merecida, mas recebida somente pela fé. (Bíblia de Genebra, 1999 p. 1388)

Já no romance a preocupação é saber a causa de tamanha discórdia entre os gêmeos, sem se preocupar com a obra da salvação como nas Sagradas Escrituras.

O uso da Bíblia por Machado é apenas operacional. Sua preocupação é falar sobre os dilemas de seus dias. Império ou República? Era a grande questão emergente.

Enquanto que na Bíblia a questão era espiritual, eterna, no romance a questão era terrena e situacional. O serviço das Escrituras em Machado tem haver com o homem e seus dias. Muitos recursos são usados no romance para desnudar a natureza humana.

É neste aspecto em que o romance presta um grande serviço à teologia. Apesar da natureza artística da obra, não se pode perder de vista que o autor

tem um propósito mais elevado do que a contemplação do belo. As existências vividas pelos personagens ganham maior colorido quando comparada com a sociedade da época e, porque não, da atualidade.

Esaú e Jacó

Bíblia

<p>Era talvez excesso de pudor. Há muito excesso nesse sentido, e o acertado é perdoá-lo. Há também excessos contrários, condescendências fáceis, pessoas que entram com prazer na troca de alusões picantes. Também se devem perdoar. Em suma, o perdão chega ao Céu. Perdoai-vos uns aos outros, é a lei do Evangelho.</p> <p>CAPÍTULO LI / AQUI PRESENTE</p>	<p>Mateus 6: 14,5</p> <p>Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará; se, porém, não perdoardes aos homens <i>as suas ofensas</i>, tampouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas.</p>
--	---

Aqui encontra-se uma característica no discurso religioso que merece destaque.

É quando o religioso ganha o ar de autoridade inquestionável. Neste caso, Machado diz “Perdoai-vos uns aos outros, é a lei do Evangelho”.

Sobre esta característica podemos citar Citelli:

...enquanto no discurso dos homens se abre a possibilidade de ocorrer uma reversão no processo comunicativo (emissores e receptores podem interagir), no discurso religioso tal procedimento se torna impossível. Interagir com quem? Com Deus? Sabemos, no entanto, que isso é impossível, porém ficamos com a “ilusão” do reversível, dado que os representantes de Deus na Terra parecem falar ele. Podemos interagir na melhor das hipóteses, com entidades de segundo grau, os pastores, por exemplo, que, não sendo donos da fala (eles só reproduzem ou interpretam), dão a impressão de serem sujeitos do discurso. (CITELLI, 2002 p. 48)

O texto de Machado ganha esta característica da inquestionabilidade que advém do discurso bíblico que é transmitido não só pelos personagens das Escrituras, como também é reproduzido pelos pregadores.

No caso do texto em questão, vê-se a promessa de uma recompensa em se observar o perdão: “chega ao Céu”, grafado com letra maiúscula, que ganha maior credibilidade e autoridade.

Esta linguagem autoritativa tem sua recorrência bastante comum nas literaturas das religiões, e quando reproduzidas nos discursos religiosos o mesmo aspecto se repete.

Esta repetição de autoridade é inerente e obrigatória para que o discurso ganhe sua legitimidade.

E como disse Citelli na citação acima não dá para interagir com um texto ou com um discurso religioso, pois a autoridade maior está além do texto ou da fala religiosa: está em Deus, no caso dos textos judaico-cristãos ou de outras divindades, em se tratando de outras religiões.

Machado, além de reproduzir a mensagem de necessidade do perdão, vai além. Ele reproduz aquele tom de inquestionabilidade inerente ao texto bíblico citado.

Esaú e Jacó

Bíblia

Talvez o velho Plácido deslindasse o problema em cinco minutos. Mas para isso era preciso evocá-lo, e o discípulo Santos cuidava agora de umas liquidações últimas e lucrativas.	Mateus 4:2-4 E, depois de jejuar quarenta dias e quarenta noites, teve fome. Então, o tentador, aproximando-se, lhe disse: Se és Filho de Deus, manda que estas pedras se
--	--

<p>Não só de fé vive o homem, mas também de pão e seus compostos e similares.</p>	<p>transformem em pães. Jesus, porém, respondeu: Está escrito: Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus.</p>
<p>CAPÍTULO LXXXI / AI, DUAS ALMAS...</p>	

Esta intertextualidade, flagrantemente é completamente invertida e distorcido de seu sentido original. O leitor logo reconhece sua origem e percebe o estilo literário que o autor quis imprimir.

Este é um daqueles casos em que a ironia machadiana logo é detectada.

Pouco esforço se faz para reconhecer esta intertextualidade, desde que se trata de uma passagem conhecida do Novo Testamento, que por sua vez trata-se de uma intertextualidade natural de uma passagem extraída do Velho Testamento, mais precisamente em Deuteronômio 8:3 onde está escrito “nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus”:

“Cuidareis de cumprir todos os mandamentos que hoje vos ordeno, para que vivais, e vos multipliqueis, e entreis, e possuais a terra que o Senhor prometeu sob juramento a vossos pais. Recordar-te-ás de todo o caminho pelo qual o Senhor, teu Deus, te guiou no deserto estes quarenta anos, para te humilhar, para te provar, para saber o que estava no seu coração, se guardarias ou não os seus mandamentos. Ele te humilhou, e te deixou ter fome e te sustentou com o maná, que tu não conhecias, nem teus pais o conheciam, para te dar a entender que não só de pão viverá o homem, mas de tudo o que procede da boca do Senhor viverá o homem” (Bíblia de Genebra, 1999 pg. 211)

É interessante observar que o contexto em que é inserida a frase em destaque, originalmente trata-se da palavra de Moisés ao povo Hebreu, o qual estava prestes a entrar na terra prometida. Depois de passar cerca de quarenta

anos no deserto, Moisés lembra ao povo que nunca faltou pão durante àquela caminhada. Deus, segundo o relato bíblico, havia sustentado todo o povo com um tipo de pão, desconhecido ao povo desde então, o qual foi chamado de maná, que significa “pão do céu”. É nesse contexto de dar pão que Moisés diz que nem só de pão deve viver o homem.

Sobre isto diz ainda a mesma Bíblia de Genebra em sua nota explicativa:

8.3 o maná que tu não conhecias. A outorga inicial do maná foi mencionada em Êx 16.15, e a cessação do maná é relatada em Js. 5.12. Deus resolveu alimentar o seu povo no deserto através de um meio previamente desconhecido para eles. Por intermédio dessa provisão miraculosa. Deus “humilhou o povo de Israel (ao desafiar a auto-suficiência deles), além de haver testado a obediência deles”. (Bíblia de Genebra, 1999, pg. 211)

Percebe-se que Deus primeiro fez o povo passar fome para então dar o maná ao povo. A isto é dito que foi para “provar o povo”, na intenção clara que eles deviam reconhecer de onde vinha a sua provisão diária.

O pão vinha de Deus por intermédio da sua palavra. Quando ao estabelecimento deste milagre em pleno deserto encontramos em Êxodo 16.15 a instituição do maná:

E o Senhor disse a Moisés: Tenho ouvido as murmurações dos filhos de Israel; dize-lhes: Ao crepúsculo da tarde, comereis carne, e, pela manhã, vos fartareis de pão, e sabereis que eu sou o Senhor, vosso Deus. Á tarde, subiram codornizes e cobriram o arraial; pela manhã, jazia o orvalho ao redor do arraial. E, quando se evaporou o orvalho que caíra, na superfície do deserto restava uma coisa fina e semelhante a escama, fina como a geada sobre a terra. Vendo-a os filhos de Israel, disseram uns aos outros: Que é isto? Pois não sabiam o que era. Disse-lhe Moisés: Isto é o pão que o Senhor vos dá para vosso alimento. Eis o que o Senhor vos ordenou: Colhei disso cada um segundo o que pode comer, um gômer por cabeça, segundo o número de vossas pessoas; cada um tomará para os que se acharem na sua tenda.” (Bíblia de Genebra, 1999, pg. 99)

É interessante observar que aquele maná foi dado diariamente ao povo, menos aos sábados. No dia anterior o povo tinha que colher o dobro da quantidade estipulada para comerem no dia de descanso do povo judeu. Digo de nota é a quantidade de pessoas que foram alimentadas por aqueles pães. Foram cerca de 600.000 homens que saíram do Egito. Somando-se as crianças e mulheres este número pode ficar entorno de 2.000.000 de pessoas.

O maná é um episódio constantemente mencionado na Bíblia. O mais famoso é quando Jesus Cristo faz menção deste fato em suas palavras no Novo Testamento.

O contexto em que é registrado no Novo Testamento também é digno de destaque. Segundo o relato bíblico, Jesus foi ao deserto para ser tentado por Satanás. Durante quarenta dias Jesus não comeu nada.

É bastante interessante a observação de Campbell:

A história de Jesus, por exemplo... existe uma proeza heróica universalmente válida representada na história de Jesus. Primeiro, ele atinge o limite da consciência do seu tempo, quando vai a João Batista para ser batizado. Depois, ultrapassa o limiar e se isola no deserto, por quarenta dias. Na tradição judaica, o número 40 é mitologicamente significativo. Os filhos de Israel passaram quarenta anos no cativeiro, Jesus passou quarenta dias no deserto. No deserto, Jesus sofreu três tentações. Primeiro, a tentação econômica, quando o Diabo chega até ele e diz: "Tu pareces faminto, meu jovem! Por que não transformar estas pedras em pão?" E Jesus responde: "Não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus". Em seguida, a tentação política. Jesus é levado ao topo da montanha, de onde avista as nações do mundo, e o Diabo lhe diz: "Tudo isto te darei, se, prostrado, me adorares", que vem a ser uma lição, ainda não suficientemente conhecida, hoje, sobre quanto custa ser um político bem sucedido. Jesus recusa. Finalmente o Diabo diz: "Pois bem, já que tu és tão espiritual, vamos ao topo do templo de Herodes e atira te para baixo. Deus te acudirá e tu não ficarás sequer machucado". Isto é conhecido como ênfase espiritual. Eu sou tão espiritual que estou acima das preocupações da carne e acima deste mundo. Mas Jesus é encarnado, não é? Então ele diz: "Tu não tentarás o Senhor, teu Deus". Essas são as três

tentações de Cristo, tão relevantes hoje quanto no ano 30 da nossa era. (Campbell, 1991, p. 153)

Apesar de Campbell não ser um teólogo, mas trabalhar com a natureza da mitologia nas religiões ele afirma que a tentação de Cristo no deserto foi marcada por três momentos: A primeira tentação de Cristo, é de natureza econômica, a segunda de natureza política e a terceira de natureza espiritual. Nesta perspectiva, o fator econômico, Machado de Assis se apropria desta idéia e faz uma paráfrase do texto bíblico para o seu propósito específico.

Ao inverter propositalmente o texto Machado recria um ambiente novo. É sua característica subverter algo conhecido não necessariamente para contrapor à idéia original, mas para criar algo novo, totalmente original.

Ao propor a idéia “não só de fé vive o homem, mas também de pão e seus compostos e similares”, ao leitor atento a intenção do autor, num primeiro momento pode causar riso, mas também pode levar a uma reflexão diante do contraste.

O texto bíblico diz que a necessidade do homem vai além da do pão, requer também a palavra de Deus. No texto de Machado o leitor é chamado a também não só procurar as espirituais, mas também as necessidades terrenas.

O contraste está posto. Este é o efeito esperado por Machado ao inserir a intertextualidade. Flora está aflita e morre sem revelar seu amor por nenhum dos gêmeos: Pedro e Paulo. É citado o poema de Goethe: “Ai, duas almas no meu seio moram!”, que aqui representa o conflito amoroso de Flora.

Como já foi mencionado, o romance *Esaú e Jacó* é uma obra alegórica que trata especificamente da transição Império para a República. Flora está representando o Brasil que não decide seu amor nem pelo Império nem pela República. Este é o propósito do livro, provocar este debate. Ao introduzir, no final deste mesmo capítulo a idéia de que “não só de fé vive o homem...” Machado diz dizendo que outras necessidades existem além de resolver aquele impasse amoroso das “duas almas no meu seio moram!”

Quando se acrescenta a idéia ao texto: “também de pão e seus compostos e similares”, expressão hilária, Machado, além de acrescentar faz uma inovação intencional causando no leitor aquele toque pessoal em sua obra. Este acréscimo denuncia a posição social dos seus personagens.

Como na maioria dos seus romances de Machado, a classe dominante e abastarda tem a sua preferência. Apesar poder ser encontrado, quase sempre, este contraste entre riqueza e pobreza vivendo lado a lado, a atenção do autor se volta principalmente para os ricos. Isto é sintomático em Machado. Isto não significa que ele esteja sempre apoiando e enaltecendo esta classe de pessoas. Ora vê-se elogios, orava vê-se críticas e incoerências a estas classes.

Suas frases não são meras repetições de algo que já foi dito, simplesmente um trabalho de citação mecânica, mas elas são trabalhadas, esculpidas dando o valor de uma verdadeira obra de arte da literatura brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da exposição dos Intertextos Bíblicos em Machado de Assis que o autor não somente conhecia a Bíblia como sabia utilizá-la em sua literatura.

Certo de que literatura é considerada como um dos melhores meios de ensino. Através dela pode-se interpretar a existência humana de maneira artística por meio do belo e do agradável. Senda ela uma forma humana de expressão universal, não encontra nenhuma barreira no que tange aos seus assuntos. Toda a experiência humana pode ser alvo da literatura. Levando também em consideração de que a própria Bíblia, ainda que um livro de revelação e fé, nunca deixou de ser uma obra literária.

Visto que a literatura tem este poder de fazer do homem em sua vivência, pode-se constatar o valor da obra de Machado de Assis para a compreensão na natureza humana.

A teologia, ainda que venha ter como livro texto a Bíblia e como fonte de revelação nunca deve menosprezar a arte humana como forma de expressão. Se o estudo de Deus contempla estar também o homem, então nada melhor do que saber o que este homem pensa e produz. Então, tudo que é da natureza humana deve ser alvo de especulação da teologia, mesmo que seja para discordar e refutar seus pensamentos.

Espera-se que este trabalho acadêmico venha contribuir para que outras pesquisas nesta área.

BIBLIOGRAFIA: Literatura e Teologia

MAGALHÃES, Antonio Carlos de Melo. Deus no espelho das palavras: Teologia e Literatura em diálogo. São Paulo: Paulinas, 2000.

MANZATTO, Antonio. Teologia e Literatura: reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado. São Paulo: Loyola, 1994.

MORAES JUNIOR, Manoel Ribeiro . Deus e o Problema da Existência na Modernidade Tardia: Reflexões sobre o diálogo Teologia e Literatura na obra O Ano da Morte de Ricardo Reis. Lit. lingüíst., 2007, no.18, p.145-164.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima, Teologia e Literatura (in Concilium), Jean-Pierre JOSSUA e Johann Baptist METZ. Editorial. Pub.115, 5 (1976) 2-5.

ARTIGOS

CALDAS, Carlos Ribeiro Caldas Filho: Teologia e cultura: uma introdução à estética filosófica em perspectiva da teologia reformada, com ênfase na literatura, Revista fides reformata, 2001, Ano 6/1.

BARCELLOS, José Carlos, Relação entre teologia e literatura, Revista do Instituto Humanistas Unisino, 2008.

RIBEIRO DE MORAES JUNIOR, Manoel. Deus e o problema da existência na modernidade tardia: Reflexões sobre o diálogo Teología e Literatura na obra O ano da morte de Ricardo Reis. 2007, no.18, p.145-164.

Bibliografia - Geral

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. Iaiá Garcia. 2.a. Ed. Rio de Janeiro. Record, 1998.

_____ Memórias póstumas de Brás Cubas. São Paulo, Abril Cultural, 1978.

_____ Obra Completa. Rio de Janeiro: Aguilar, 1997. v.1.

_____ In: "Obra completa: em três volumes" (org. Afrânio Coutinho). Vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004

BARROS, Diana Luz Pessoa; FIORIN, José Luiz (org.). Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade. 2. ed. São Paulo: Edusp – Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

BARROS. Teoria do Discurso: fundamentos semióticos. 3 ed. São Paulo: Humanitas / FFLCH /USP, 2001.

BENVENISTE, Émile. Problemas de Lingüística Geral II. Campinas, SP: Pontes, 1989.

BÍBLIA de Estudo Almeida. Trad. João Ferreira de Almeida – Revista e Atualizada. 2. ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BORBA, Maria Antonieta Jordão de. Tópicos de teoria para a investigação do discurso literário. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004.

BRAIT, Beth, (org). Bakhtin, dialogismo e construção do sentido. 2. ed. rev. Campinas, SP: Unicamp, 2005.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Introdução à análise do discurso. 2. ed. rev. Campinas, SP: Unicamp, 2004.

BRUNEL, Pierre et alii. Que É Literatura Comparada? Trad. Célia Berreltini. São Paulo: Perspectiva, 1990

CALDAS FILHO, Carlos Ribeiro. Teologia e Cultura: Uma Introdução à Estética Filosófica em Perspectiva da Teologia Reformada, com Ênfase na Literatura, Fides Reformata, São Paulo, 1997.

CAMPBELL, Joseph, O poder do mito, São Paulo. Pala Athenas, 1990.

CARVALHO, Vinicius Mariano, Religião e Literatura: sua inter-relações possíveis a partir da obra de Mario Quintana. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2001. (Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião).

CITELLI, Adilson, Linguagem e persuasão, Ática, São Paulo, 2002

COSTA LIMA, Luiz. Sociedade e discurso ficcional. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

DISCINI, Norma. Intertextualidade e Conto Maravilhoso. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2001.

_____. A comunicação nos textos. São Paulo. Contexto, 2005.

DONOGHUE, Denis. Adam's Curse. Reflections on religion & literature. Notre Dame: UND Press, 2001.

FIORIN, José Luiz (org). Introdução à Lingüística II: Princípios de Análise. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. Elementos de análise do discurso. São Paulo: Contexto, 1989.

_____. Linguagem e ideologia. 8. ed. São Paulo: Ática, 2005.

FLORES, Valdir do Nascimento e TEIXEIRA, Maria. Introdução à Lingüística da Enunciação. São Paulo: Contexto, 2005.

FREITAS, M. T. A. Vygotsky e Bakhtin – Psicologia e educação: um intertexto. São Paulo: Ática, 1996.

GADET, F. e HAK, T (orgs). Por uma Análise automática do Discurso. uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2001.

GLEDSOON, John. Machado de Assis, impostura e realismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. Machado de Assis, Ficção e História. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

HORTON, Michael. O Cristão e a cultura. Trad. Elizabeth C. Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 1998.

HUTCHCON, Linda. Uma Teoria da Paródia. Ensinaamentos das Formas de Arte do Século XX. [Trad. Teresa Lauro Pérez]. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1985.

HELLER, Agnes. O cotidiano e a história. Tradução Carlos Néelson Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

LOPES, Edward. Discurso, texto e significação: uma teoria do interpretante. São Paulo: Cultrix, 1978.

MAINGUENEAU, Dominique. Novas Tendências em Análise do Discurso. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 1997.

MAGALHÃES, Antonio. Deus no espelho das palavras: teologia e literatura em diálogo. São Paulo: Paulinas, 2000.

MAGALHÃES JUNIOR, Raymundo. Vida e obra de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. 4 volume

MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. A Juventude de Machado de Assis. Revista Brasileira de Cultura. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 11, 1972, p. 119-25.

MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. Machado de Assis desconhecido. 2 ed. ref., aum. e corr. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1955.

MARQUES FILHO, Teotonio. Machado de Assis: Esaú e Jacó – resumo. <http://www.portrasdasletras.com.br/pdtl2/sub.php?op=resumos/docs/esauejaco:04/05/2007>.

MATOS, Mário. Machado de Assis. O homem e a obra. Os personagens explicam o autor. São Paulo: Nacional, 1939.

MONTELLO, Josué. Machado de Assis. Rio de Janeiro. Verbo, 1972. 136 páginas

MONTELLO, Josué. O Presidente Machado de Assis nos papéis e relíquias da Academia Brasileira 2.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1986. 402 p.

MOSCA, Lineide Salvador. Discurso, argumentação e produção de sentido. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Discurso e Texto – Formulação e Circulação dos Sentidos. Campinas, SP: Pontes, 2001.

_____.Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.

_____.A Linguagem e seu Funcionamento: As Formas do Discurso. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1996PEREIRA, Lúcia Miguel. Machado de Assis. Estudo crítico e biográfico. 6.ed. revista. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 1988. 1.ed.: 1936.

_____, Lúcia Miguel. Prosa de ficção (de 1870 a 1920). Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

PIZA, Daniel. "Machado de Assis, um gênio brasileiro".São Paulo: Imprensa Oficial/EDUSP, 2005.

PONTES, Eloy. A vida contraditória de Machado de Assis. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1939. 328 p.

PUJOL, Alfredo. Machado de Assis. 2.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1934.

PÊCHEUX, Michel. Semântica e Discurso: uma crítica a afirmação do óbvio. 3. ed. Campinas, SP: Unicamp, 1997.

PROENÇA FILHO, Domício. A Linguagem Literária. 7. ed. São Paulo: Ática, 1999.

Scantimburgo, João de. Tratado geral do Brasil, São Paulo, Pioneira, 2ª. Edição, 1978

SCHWARZ. Roberto. Um mestre na periferia do capitalismo. Machado de Assis. São Paulo. Duas Cidades/Editora. 2000.

TEIXEIRA, I. P. Apresentação de Machado de Assis. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987

VYGOTSKI, Lev. S. Pensamento e linguagem. Tradução de Jefferson Luiz Camargo, revisão técnica de José Cipolla Neto. 2a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

INTERNET

www.machadodeassis.org.br

<http://www.portrasdasletras.com.br/pdtl2/sub.php?op=resumos/docs/esauejaco>

PERIÓDICO

_____ Arte e espiritualidade. Manhumirim: Didaquê, 1998. V. XLII.

CANDIDO, Antonio. Vários escritos. Rio de Janeiro, Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004